

Universidade Federal de Pernambuco | Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Psicologia | Curso de Doutorado em Psicologia

TACINARA NOGUEIRA DE QUEIROZ

**JUVENTUDE, SEXUALIDADE E NOVAS TECNOLOGIAS DE
COMUNICAÇÃO: uma etnografia no contexto escolar em Recife-PE**

Recife
2019



Digite aqui...



TACINARA NOGUEIRA DE QUEIROZ

**JUVENTUDE, SEXUALIDADE E NOVAS TECNOLOGIAS DE
COMUNICAÇÃO: uma etnografia no contexto escolar em Recife-PE**

Tese apresentada ao curso de Doutorado em Psicologia, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Luís Felipe Rios

Recife
2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

Q3j Queiroz, Tacinara Nogueira de.
Juventude, sexualidade e novas tecnologias de comunicação : uma etnografia no contexto escolar em Recife-PE / Tacinara Nogueira de Queiroz. – 2019.
95 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Luís Felipe Rios.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2019.
Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Juventude. 3. Sexualidade. 4. Escola. 4. Internet. 5. Redes sociais on-line. I. Rios, Luís Felipe (Orientador). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-159)

TACINARA NOGUEIRA DE QUEIROZ

**JUVENTUDE, SEXUALIDADE E NOVAS TECNOLOGIAS DE
COMUNICAÇÃO: uma etnografia no contexto escolar em Recife-PE**

Tese apresentada ao curso de Doutorado em Psicologia, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

Aprovada em: 22/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Felipe Rios
1º Examinador/Presidente

Profª. Drª. Ivia Maksud
2º Examinador

Profª. Drª. Marilyn Dione de Sena Leal
3º Examinador

Prof. Dr. Jorge Lyra
4º Examinador

Profª. Drª. Wedna Galindo
5º Examinador

Dedico a todos/as os/as participantes desta pesquisa que se disponibilizaram em compartilhar seu mundo *online* e *offline*.

AGRADECIMENTOS

Eu pensei que não ia ser possível fazer agradecimentos, mas, nos últimos minutos, as lembranças dessa árdua caminhada vieram à tona e, junto, vieram lembranças das pessoas que dela fizeram parte. O primeiro desses agradecimentos é a **Luís Felipe Rios**, Dr. não somente por um título, mas por enxergar o que um ser mais desavisado ou menos sensível não enxerga. Eu escreveria todas as páginas desse trabalho falando dele, ainda mais por me dar conta que nossos trabalhos juntos não necessariamente se cessam, mas é uma relação que se transforma e modifica com a finalização de cada trabalho. É até cabalístico, mas foram treze anos de uma construção de sujeito, formação e orientação. Eu sei que todos esses agradecimentos não são suficientes para descrever a tua importância em quem eu sou hoje. A relação formal não deixa de existir, somos orientanda e orientador, mas acima de tudo, como pessoas, somos uma intersecção de relações também informais: fraterna, amiga, paterna (dentro ou fora da academia ou do terreiro). Por isso, obrigada por hoje poder chamá-lo de Fipo. Teu axé preenche tudo a volta e nesse trabalho, após todos esses anos, você tem maior destaque, por suas tantas motivações para construir saber, seu estímulo, sua capacidade de ver diamante em carvão, ajudar a tantas e tantas vezes a pessoa renascer das cinzas, nem que volte a morrer dois minutos depois, mas tua chama é intensa e renascemos de novo.

Desde que te conheci, fipo, vejo que és daquele tipo de pessoa que faz crescer todos que estão a tua volta, a teu lado. Pensas muito mais do que só em tu, e corres atrás do que se é justo e de direito. Essas palavras foram escritas com um pouco de choro. Não de tristeza, mas por saber que eu não estive só, especialmente quando achei que não seria mais possível e tudo por que eu “não ando só... Não mexe comigo que eu não ando só, eu não ando só...” e carrego alguém especial como você no coração.

À minha família, **Minha mãe**, a minha mulher maravilha do sertão, uma das primeiras feministas que conheci. Foi a mão mais forte que eu já pude segurar em toda minha história de vida. Majestade dos meus complexos e das minhas forças e equilíbrio. Ao **meu pai**, sempre eternizado nesse universo cheio de energias. O senhor foi uma das melhores energias que me construiu e que me inspira até hoje para ser alguém melhor, sempre. Uma cena ficou eternizada e sempre é trazida com riso em casa: nós todos jantando em Afogados, em seu lugarzinho marcado da

mesa, e você e mainha planejando nossos futuros (afinal raro os pais que não façam isso). Daí, projetando seus sonhos na gente, suas filhas, o senhor diz “será Drª Teresinha e Drª Tacinara”, Claro que eu precisava me diferenciar da outra irmã, bem típico da dinâmica familiar, e de prontidão eu falei logo: “Eu não... não quero estudar para muito não”, e nisso todos caem na risada até hoje. Até porque, desde pequena, eu geralmente prezava o bem estar, tudo o que não gerasse sofrimento, e essas titulações sempre pareciam algo que só marcava gente como gado, como se dissessem quem era melhor e como se o estudo fosse um sofrimento para alcançar um status supérfluo. Mas agora, veja que ironia do destino... estou entregando um estudo que nem eu naquela época tinha noção do que era esse “estudar pra muito”. E haja muito, tanto que muitas vezes paralisa, e numa parte parecia que eu estava certa, é sofrido, mas a maior grandeza de tudo agora eu vejo que não é o título. É poder acessar outros mundos nunca visitados, acessar e visibilizar os não ditos, mexer com aquilo que incomoda e que pode, quem sabe um dia, gerar bem estar para alguém. Do contrário, tudo seria só peso, só sofrimento. Mas tentar ser doutora tem sua beleza, aprendi mais isso com você.

Tenho muita gratidão também a minha irmã mais nova, que já nem é tão mais novinha assim. Mas faz parte, **Tamires**, acontece para todos (risos). Você é minha fonte de energia, meu braço direito em tudo, mesmo eu apelando por todos os lados umas transcriçõezinhas de 10min que fosse, ameaçando não ter agradecimento para você... algo impossível! Você é das partes mais preciosas da minha vida, desde pequena tem essa ligação sem explicação. Eu te amo! Todos esses agradecimentos a cada uma das pessoas que eu estiver escrevendo aqui são por você e para você. Agradeço à **Teresinha**, nas tantas divergências que temos. Sou o que sou hoje também por você. E que com tantas e tantas ideologias e visões de mundos diferentes, nos sentimos família, sabemos que os laços não se desfazem facilmente. Obrigada por trazer esse serzinho de luz, **Brenda**, para nossas vidas.

Agradeço a todos os professores dessa minha jornada, pelos quais carrego intensa admiração pelo profissionalismo, práticas e teorias: á **Sandra Ataíde**, á **Eniel Sabino**, á **Telma Avelar**, á **Jaileila Araújo**, entre outros.

Agradeço aqueles/as que trabalham na UFPE fazendo daquele universo algo mais próximo ao mundo real. Aqueles que se doam ao ver as tarefas mais difíceis de quem ali circulam e tentam ser parceiros. Muitas vezes foram combustível para recomeçar os trabalhos. Alguns deles, em especial, são: **João Cavalcanti**, pessoa

que tem um olhar que parece sentir todas as angústias daqueles/as loucos/as pós-graduandos/as que passam pela secretária. Obrigada, João! Sem você tudo seria ainda mais pesado. **Isabel Teófilo**, um anjo e advogada do diabo sempre nas horas certas. É precisa e tem exatidão sempre que aparece nas nossas vidas. Gosto muito de tu. **Luzitânia e Marcílio**, que carregam a alegria e satisfação em receber cada pessoa que circula pelos elevadores e corredores do CFCH.

Agradeço a todos os grupos nos quais eu me senti pertencida: **Turma Dom Mota**, especialmente á **Carla Cinara**. **Turma Atual** com destaque para **Andrea texeira, Kelly Albuquerque, Andreza Souza e Thaísa Oliveira**. Aos vizinhos/as parceiros/as de Afogados: **Dona Maria, Seu Anísio, Dona Diolinda, Kátia e Seu Armando**. Á **turma de Psicologia**, especialmente a meus amores de viver e também a seus parceiros que se tornaram amigos também, **Rebeka Lopes, Marina Costa, Amanda Alvim, Lindaevans Oliveira, Mariana Cysneiro, Shinaider Souza, Luiz Alexandre e Rodrigo**. Aqueles que fizeram parte de um grande grupo de amizades que só o grupo das “cotas” poderia trazer: **Inês Santana, Kátia Menezes, Emília, Cássia**. E as amizades especiais que a **UFPE** trouxe de diversas frentes: **Fernanda Gomes, Roseane, Uerveton Miranda, Camila Santos, Cíntia Oliveira e Ana Luiza**.

Agradeço ao **MCC: Alessandra Aniceto**, amiga de horas e horas de debate, de loucuras, de paixões, de amores, de aventuras. Você foi uma pérola encontrada na academia. **Celestino Galvão**, Celeles, tu és resistência, mesmo quando não acreditar que seja. Entre brutalidade e serenidade, nossa amizade foi se desenvolvendo. **Isabelle Tavares**, linda sendo gauche nas “europas”. **Também a Rocio Bravo, Juliana, Beto, Leandro e Nielson**.

A outros tantos que cruzaram meu caminho pelas pontes de Recife ou além-mar: **Eloísa Guimarães, Cátia, Fernanda Coimbra e Saida**. Agradeço a outro grupo especial, **Vôlei/Zueira**. Nele as amizades foram estabelecidas exatamente na parte mais difícil do doutorado. Faço destaque para **Michelle (Dançarina Misheila), Nanda (Fernanda Guedes), Bela, Ju, Lívio, Victor**, e especial a três parceiraços: **Rodrigo, Luiz e George**. Mesmo vocês tendo insistido para serem “cobaias da pesquisa”, sinto dizer que vocês não foram meus pesquisados, mas sem saber, foram parte chave dos meus momentos mais árduos. Tudo bem que muitas vezes vocês foram minha fuga, mas a parte boa era que nessas fugas eu via um bom refúgio. Vocês são seres altamente inteligentes e humorados, raros de cruzar em

qualquer lugar. **Rô**, sem levantar ciúmes, mas preciso te destacar para dar um obrigada especial por ler e trocar, nesses anos de contato, textões meus, sobre os mais diversos assuntos, sentimentos, paixões, política, “besteiras” ou mesmo filosofias vãs. Fico feliz, pois eu te vi crescer muito nesse tempinho e me vi crescer também em ti. Obrigada por nossa amizade.

Agradeço a **Manoel**, cunhado, diretor, que tem as mesmas ideologias de minha irmã, mas tem o poder de unir. Bom ver você nos nossos caminhos. Também a **Roosevelt** que contribuiu para o crescimento e fortalecimento da minha caminhada, deve ter sentido apenas um pouco o fantasma da Tese, mas mesmo nos últimos minutos do segundo tempo, surgiu para ajudar a extravasar um pouco de tudo isso.

Aos participantes da pesquisa, por possibilitarem o acesso as suas vivências permitindo um diálogo e reflexão. **Aos examinadores da banca Prof^a Ivia, Prof^a Marilyn, Prof^o Jorge e prof^a Wedna**, por aceitarem o convite e a empreitada de entrar nesse estudo. Apesar de não nos cruzarmos anteriormente em outras bancas, nós nos conhecíamos por trabalhos próximos ou pessoas em comuns que não deixavam de trazê-los com carinho nas histórias. Vocês logo fizeram parte, direta ou indiretamente, dessa minha jornada. Também ao Prof^o **Fernando Seffner** que acompanhou desde o mestrado esse campo de pesquisa, fez colaborações essenciais e sempre pertinentes na forma de eu ver o campo atual de pesquisa. Eu o admiro muito.

E agradeço a CAPES (Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior), a qual tornou esse projeto viável financeiramente.

RESUMO

O trabalho buscou compreender a dinâmica da sexualidade, na interface com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), entre jovens de uma escola de Ensino Médio da rede pública de ensino de Pernambuco. A pesquisa teve enfoque etnográfico, viabilizada por meio de observação participante e rodas de conversa. Ela foi norteadada por uma abordagem teórica que compreende a sexualidade como construção social e entendeu as TIC como parte de uma rede sociotécnica, formada por humanos e não humanos, os quais foram concebidos como actantes em “territórios” *online* (os que integram a Internet) e *offline* (onde ocorrem as interações face a face). Observei que o *smartphone* intermediava e constituía, junto com redes sociais *online* (ex. Facebook e Instagram), as interações sexuais. No plano *offline* da escola, as interações sexuais eram marcadas por sutis sedução, conversas sobre *crush* (pessoas eroticamente interessantes) e sobre os “perfis” nas redes sociais. As cenas sexuais de maior intimidade ocorriam, sobretudo, mediadas pelos “perfis” nas redes sociais *online* e em festas *offline*. Destaco que os “perfis” figuravam como uma inscrição *online* do si mesmo dos/as jovens, formado por fotografias e narrativas cuidadosamente manipuladas para a apresentação pública. Eles e elas estavam sempre atentos às suas capacidades de exercerem atração erótica, que relacionavam à beleza, bom humor, afinidade nos gostos, caráter e popularidade. Considerando a dimensão *online*, uma pessoa adicionar como “amigo” um “perfil” portador de muitos “amigos” (*online*) e de postagens interessantes (interesse esse demonstrado pela alta quantidade de curtidas e comentários positivos) era estratégia para aumentar a sua própria popularidade. Nas festas, as duas dimensões interativas se atualizavam e a ação da atração erótica tinha a chance de atuar mais intensamente. A convergência das duas redes de amigos (*online* e *offline*) produz uma “fortificação” das intenções e possibilidades de formar casal, ainda que seja apenas para ficar. De forma mais ampla, concluí que as dimensões *online* e *offline* da existência atuam conjuntamente à produção de experiências sexuais dos/as jovens pesquisados.

Palavras-chave: Juventude. Tecnologias de Comunicação e Informação. Sexualidade. Internet. Escola.

ABSTRACT

This research sought to understand the dynamics of sexuality, in the interface with Information and Communication Technologies (ICT), among young people of a high school in the public school of Pernambuco. The research had an ethnographic focus, made possible through participant observation and conversation wheels. It was guided by a theoretical approach that understands sexuality as a social construct and understood ICT as part of a sociotechnical network, formed by humans and nonhumans, which were conceived as actantes in online "territories" (those that integrate the Internet) and offline (where face-to-face interactions occur). I noticed that the smartphone was intermediated and, along with online social networks (eg Facebook and Instagram), was the sexual interactions. In the school's offline plan, sexual interactions were marked by subtle seductions, crush conversations, and "profiles" on social networks. The more intimate sexual scenes occurred, above all, mediated by "profiles" in online social networks and in offline parties. I emphasize that the "profiles" appeared as an online inscription of the youths themselves, formed by photographs and narratives carefully manipulated for the public presentation. They and they were always attentive to their erotic attraction abilities, which related to beauty, good humor, affinity in tastes, character and popularity. Considering the online dimension, a person to add a "profile" with many "friends" (online) and interesting posts (interest shown by the high amount of tanned and positive comments) was a strategy to increase their own popularity . At parties, the two interactive dimensions were updated and the action of erotic attraction had the chance to act more intensely. The convergence of the two networks of friends (online and offline) produces a "fortification" of the intentions and possibilities of forming a couple, even if only to stay. More broadly, I concluded that the online and offline dimensions of existence work together to produce the sexual experiences of the young people surveyed.

Keywords: Youth. Communication and Information Technologies. Sexuality. Internet. School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Desenho panorâmico da escola.....	27
Quadro 1 - Principais participantes.....	36
Figura 2- Mosaico de fotos do Facebook.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS

ENEM	Exame Nacional de Ensino Médio
FTP	File transfer protocol
HTTP	Hipertext transfer protocol
IRC	Internet Relay Chat
RPA	Regiões Político-Administrativas
TCP/IP	Transmission Control Protocol/Internet Protocol
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: HISTÓRIA E FERRAMENTAS ANALÍTICAS.....	18
1.2	SEXUALIDADE E A DIMENSÃO ONLINE DA EXPERIÊNCIA	21
1.3	OS PRÓXIMOS CAPÍTULOS.....	23
2	METODOLOGIA: PARA UMA ETNOGRAFIA SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO CELULAR NAS EXPERIÊNCIAS SEXUAIS DESDE O CONTEXTO ESCOLAR	25
2.1	OS CENÁRIOS DA PESQUISA	26
2.1.1	<i>Offline</i> : Instituto Paulo Freire	26
2.1.2	<i>Online</i> : aplicativos, <i>sites</i> e redes	27
2.2	MÉTODO	30
2.3	OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	32
2.4	RODAS DE CONVERSA	33
2.5	PARTICIPANTES DA PESQUISA	36
2.6	MODELO DE ANÁLISE	37
2.7	TROCANDO EM MIÚDOS: A TESSITURA DA PESQUISA.....	37
3	A SEXUALIDADE, O CELULAR E A DIMENSÃO ONLINE DA EXISTÊNCIA	44
3.1	O CAMINHO ENTRE O <i>OFFLINE</i> E O ONLINE	46
3.1.1	O celular, portal e si mesmo	46
3.1.2	As mudanças dos equipamentos, aplicativos e redes sociais	48
3.1.3	O celular e as interações	50
3.2	A SEXUALIDADE <i>ONLINE</i>	53
3.2.1	Tornar-se “amigo”	55
3.2.2	Personagens e roteiros eróticos <i>online</i>	58
3.2.3	O namoro	60
3.3	SI MESMO, CURTIDAS E EROTICIDADE.....	63
4	SEXUALIDADE NA JUVENTUDE: um olhar a partir da escola	66
4.1	INICIAÇÃO SEXUAL	67
4.2	A SEXUALIDADE NA ESCOLA.....	70
4.2.1	Conversas	71

4.2.2	Sedução e tentativas de transgressão	72
4.2.3	As personagens e os jogos de cena	74
4.3	<i>OFFLINE / ONLINE: A IMBRICAÇÃO DOS CONTEXTOS E A SEXUALIDADE</i>	75
4.3.1	Ainda sobre o que produz desejo	75
4.3.2	Sexo livre	77
4.3.3	Namoro	79
4.4	PENÚLTIMAS PALAVRAS.....	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
	REFERÊNCIAS	89

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é compreender a dinâmica da sexualidade na interface com as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) contemporâneas, especificamente, o celular smartphone, considerando o uso deste por jovens no contexto escolar. Para tal, procuramos acompanhar o cotidiano de jovens de ambos os sexos em um contexto escolar da cidade de Recife (PE).

A ideia para esse estudo surgiu da minha dissertação de mestrado intitulada *Significados de sexualidades entre crianças em uma escola municipal de Cabo de Santo Agostinho-PE* (QUEIROZ, 2013). Acho importante apresentar brevemente os resultados da pesquisa de mestrado, pois vêm dela os elementos para a construção do objeto da pesquisa do doutorado.

Naquela pesquisa, foi possível acessar a experiência cotidiana de estudantes com idade entre nove e treze anos, de modo a compreender os significados referidos à sexualidade. Meus resultados apontaram para o fato de que, embora as crianças reconheçam o interdito que os adultos colocam em conhecer e experimentar a sexualidade, ainda assim elas sabem e exercitam, longe dos olhares dos adultos, experiências que são por elas concebidas como sexuais. Um conhecimento que adquirem dos próprios pares, da mídia e da sociedade mais ampla, que elas articulam às suas próprias experiências. Muitas vezes um conhecimento precário, que as coloca em situação de risco (ao abuso sexual, à gravidez e às doenças sexualmente transmissíveis) quando têm práticas sexuais (QUEIROZ, 2013).

Observamos que havia um reapropriação (sexual) da arquitetura da escola, com base nos interditos e punições que as crianças sofrem quando falam ou brincam sobre sexo. Mais protegidas dos olhares dos adultos, a lateral e a parte posterior da escola eram onde a sexualidade e o erotismo podiam ser expressos. Nesses lugares, foram observadas algumas brincadeiras que puderam ser percebidas como eróticas, no sentido de enfatizar o prazer que os corpos em próxima interação podem proporcionar aos atores, como as brincadeiras de rolar na grama e de imobilizar os parceiros (QUEIROZ, 2013).

Outras brincadeiras envolviam jogos de sedução. Eles e elas sabiam o que chamava a atenção do outro (nesse contexto, os pares do outro sexo) e se compunham (roupas e maquiagem) para serem notados/as. O corredor da escola

tornava-se, então, uma passarela para desfile dos meninos e meninas. As meninas traziam um estilo que acionava a imagem das *top models* nacionais e internacionais, e os meninos, os *rappers*, *MCs* e jogadores de futebol (QUEIROZ, 2013).

Respeitando a própria dinâmica do campo, foi na lateral e atrás da escola em que Rodas de conversa informais puderam se formar e os temas da pesquisa se tornaram objeto de acalorado debate. Pudemos conversar sobre as primeiras vezes dos meninos, que envolviam brincadeiras eróticas com animais e com amigas da vizinhança. As idades das primeiras experiências sexuais mostraram-se muito anteriores aos 14 anos de idade, referidos como a média da iniciação sexual das pesquisas populacionais. As meninas sempre se mostravam mais reticentes para dizerem que não eram virgens em primeira pessoa, mas confirmavam as experiências sexuais anteriores aos 14 anos com exemplos de amigas ou parentes. Também falavam de suas preocupações com assédios sexuais de homens adultos da vizinhança e sobre como se calavam para não serem culpabilizadas pelos familiares ou por medo de atitudes violentas dos pais em relação aos agressores (QUEIROZ, 2013).

Quanto à socialização sexual, os celulares e a Internet eram fortemente utilizados. Ainda que os/as estudantes não tivessem acesso à Internet em casa ou na escola, eles entravam em *lan houses*. E, assim, selecionavam, olhavam e acessavam redes sociais, compartilhando conteúdos que tivessem curtido, passando os de maior interesse para o celular por *download*. Do celular, o conteúdo migra para o amigo via *Bluetooth*. Outra forma de acessar tais conteúdos era através de familiares homens, que compartilhavam com os meninos material pornográfico (QUEIROZ, 2013).

Nesse contexto, o aparelho pareceu se tornar uma fonte de *compartilhamento* e um grande multiplicador de arquivos, que possibilitam acionar diferentes roteiros para outros universos. Em certos momentos, o material do celular era um importante ponto de interação entre os sujeitos. Foi comum ver grupos reunidos na escola ao redor de um celular exibindo alguma imagem, tocando uma música, reproduzindo um vídeo, entre outros.

Em meio a esse mecanismo, a sexualidade tomou proporção no que é caracterizado pelos atributos, estilos, referências possibilitadas ao grupo pelos conteúdos compartilhados, na maior parte de caráter sexual/erótico. Assim, o estudo apontou para uma socialização sexual dinamizada através das Tecnologias de

Informação e Comunicação (TIC), o que nos levou a querer aprofundar o tema na pesquisa do doutorado. Desta feita, queríamos compreender se essa dinâmica permanecia ou se alterava com o galgar das idades, por isso direcionei meu olhar para a juventude (QUEIROZ, 2013).

Convém esclarecer que entendemos as fases da vida como construções socioculturais, impossíveis de serem delimitadas apenas como marcadas por aspectos biológicos. O que é permitido e requerido aos indivíduos em função das idades varia de cultura para cultura. Dentro de uma mesma sociedade há matizações de classe, raça, gênero, etc. De modo operacional, e com fortes implicações nas políticas públicas, adolescência e juventude se referem a faixas etárias diferentes:

Convencionalmente, tem-se utilizado a faixa etária entre os 12 e 18 anos para designar a adolescência; e para a juventude, aproximadamente entre os 15 e 29 anos de idade, dividindo-se por sua vez em três subgrupos etários: de 15 a 19 anos, de 20 a 24 anos e de 25 a 29 anos. Inclusive para o caso de designar o período juvenil, em determinados contextos e por usos instrumentais associados, este se amplia para baixo e para cima, podendo estender-se entre uma faixa máxima desde os 12 aos 35 anos (LEÓN, 2005: 13).

Neste estudo, me afilio a uma perspectiva que prefere o uso do termo juventude, uma vez que a categoria adolescência ainda é profundamente marcada por uma perspectiva essencialista e universalista em que esta seria o correlato psicológico da puberdade (mudanças no organismo) e ocorreria do mesmo modo em todos os contextos. Como assinalam Rios *et al* (2002) o que ocorre é a universalização a outros contextos e classes do que é comum de ser vivido pelas classes mais abastadas das sociedades modernas, o que ao invés de produzir uma compreensão desta fase da vida, acaba funcionando como um modelo de prescrição (cf. também VILLELA, 2003; CASTRO; ABRAMOVAY, 2004; FREITAS, 2005; HEILBORN *et al*, 2005) . O termo juventude, mais utilizado pelas abordagens sociológicas, carrega a abertura para compreender as matizações que os contextos imprimem e, por isso, ele é utilizado neste trabalho.

De certo modo, o próprio fato de eu escolher trabalhar numa escola pública de Ensino Médio, no turno da tarde, já delimitou a idade dos meus interlocutores privilegiados, uma vez que a expectativa social é a de que os três anos do Ensino Médio sejam cursados na primeira subcategoria etária da juventude, como propõe León (2005). Ainda assim, não pude me furtar a tecer essas reflexões.

Antes de passar para a apresentação da metodologia, resultados e análises, é preciso fazer duas curtas tessituras teóricas. A primeira abordará o próprio campo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), sua história e as abordagens que têm sido utilizadas para investigá-la. A segunda abordará o campo da sexualidade na interface com as TIC.

1.1 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: HISTÓRIA E FERRAMENTAS ANALÍTICAS

A história das TIC pode ser contada a partir de diferentes invenções humanas e como elas interferiram no processamento do mundo (informações) e na própria comunicação. Arbitrariamente, tomarei o ano de 1936 como aquele que marca o início da história que vou contar. Foi nesse ano que o engenheiro alemão Konrad Zuse construiu o primeiro computador eletromecânico, o Z1.

No entanto, foi só alguns anos depois, durante a Segunda Guerra Mundial, que realmente nasceram os computadores mais assemelhados aos atuais, mérito atribuído a Alan Turing, que trabalhou para a inteligência britânica em Bletchley Park, num centro especializado em quebra de códigos. É ele o responsável pela formalização do conceito de algoritmo, inteligência artificial e computação, tendo importante papel na criação do computador moderno.

Posteriormente, John Von Neumann propôs a ideia que transformou os calculadores eletrônicos em “cérebros eletrônicos”. Sua proposta foi de modelar a arquitetura do computador em semelhança ao sistema nervoso central. O computador programável que conhecemos hoje, em que o programa e os dados estão armazenados na memória, ficou conhecido como Arquitetura de Von Neumann (MENDES, 2007).

Com a elaboração do computador, outro período de destaque se firmou nos anos 60, nos Estados Unidos, no período da guerra fria, quando apareceu a Internet. Essa ferramenta surgiu no intuito de descentralizar pontos de informação e criar redes de comunicação para que, por exemplo, vários arquivos não fossem destruídos em um único bombardeio, além de criar alternativa para os meios de comunicação convencionais. Essa tecnologia demorou a chegar ao público por medo de como os civis poderiam fazer uso dela. Assim, na década de 70 e 80 ela foi

utilizada apenas no meio militar e acadêmico. Só em 1987 a Internet foi liberada para uso comercial nos Estados Unidos (MENDES, 2007).

A década de 90 é marcada pela expansão da Internet, assim como expansão dos derivados computacionais como os *smartphones*, que combinam a telefonia celular e as tecnologias da computação. A Internet alcança a população geral quando o engenheiro inglês Tim Bernerslee, no laboratório CERN na Suíça, desenvolve o World Wide Web – WWW – com interface gráfica e *sites* mais dinâmicos. O conceito de Internet refere-se a uma rede em que todos os pontos se equivalem e não há um comando central, o nome Internet surge quando o sistema de redes passa a ser utilizada em universidades e laboratórios. Hoje é um conjunto de milhares de redes no mundo que compartilham o protocolo TCP/IP (Transmission Control Protocol/Internet Protocol) que permite a comunicação em rede, uma espécie de língua comum entre os computadores para que possam operar (CAVALCANTI, 2014).

Faço aqui um destaque, que facilitará o entendimento do que quero descrever nas próximas páginas. Aos menos acostumados com pesquisas na Internet, o termo *online* se refere à experiência de se estar conectado, participando em, tempo real, de um ou vários dos muitos contextos e cenários que foram criados e se expandiram com a criação do World Wide Web (WWW). Essa experiência se organiza como contraponto ao que chamarei contexto *offline*, que uso para me referir à dimensão ordinária da existência, com as interações face a face não tão fortemente mediadas pelas tecnologias de comunicação. Vale, entretanto, sublinhar – e daremos muitos exemplos disso ao longo do texto – que uma pessoa pode estar ao mesmo tempo nos dois contextos, tendo experiências face a face com alguém e, simultaneamente, conectada a outras pessoas por meio das muitas ferramentas de Internet.

A criação da WWW permitiu que estudantes fizessem páginas com informações pessoais em 1993. Ela funciona através de pontos-chaves da web, chamados hipertextos interligados por palavras-chaves: o HTTP (Hypertext Transfer Protocol) ou protocolo de transferência de hipertexto. O correio eletrônico, *e-mail*, é o recurso mais antigo e mais utilizado pela vantagem de alcançar o usuário em qualquer parte do mundo e rapidamente. Além de servir em como cadastro pra entradas em aplicativos e redes sociais. Posteriormente, em 1988, é criado na Finlândia, o *chat*, o IRC (Internet Relay Chat). Em 1995, se popularizou o *chat* de

voz; as listas de discussões – aplicação de correios eletrônicos para troca de informação em grupos -, mailing list; o FTP (*File Transfer Protocol*) transferência de arquivos, como o Shareware (CAVALCANTI, 2014).

Foi, então, em 1997 que a expressão Tecnologias da Informação e Comunicação passou a ser usada, pelo britânico Dennis Stevenson, e promovida pela documentação do Novo Currículo Britânico em 2000. Ele abarca os meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação, o que inclui o hardware de computadores, redes, celulares e softwares. São formas de transmissão de informações relativas às tecnologias ou recursos tecnológicos integrados entre si que interferem e mediam os processos informacionais e comunicativos dos seres humanos (SILVA, 2003).

Ao falar conjunto de redes, podemos falar também em conjuntos de pessoas em interação instantânea, o que possibilita uma espécie de comunicação difusa e compartilhamento de dados, a qualquer instante, com outras pessoas de qualquer parte do mundo, o que pode, assim, influenciar no exercício individual de poder, no qual os indivíduos expressam suas opiniões ou mesmo recebem em massa determinado conteúdo com facilidade. É essa dimensão social das TIC que um conjunto crescente de cientistas tem se ocupado em compreender.

Destaco aqui os trabalhos de Bruno Latour, Jonh Law e Miche Callon que abordam as TIC como integrantes de uma rede sociotécnica. Esses estudos são concebidos como de natureza interdisciplinar e buscam relacionar questões científicas, técnicas, éticas, sociais, políticas, econômicas e ecológicas implicadas nas produções e nos usos das TIC e, mais amplamente, da ciência. Para estes teóricos, ciência e tecnologia são construídas na mesma dinâmica que se constrói a cultura, a sociedade e a própria natureza, interligados em uma rede sociotécnica de tamanho e composição contingenciais, na qual não é possível identificar algo puramente social ou puramente técnico (CARVALHO, 2006).

Com isso, ter em consideração os efeitos das tecnologias e as informações na vida social implica transpor as características técnicas dos meios, para envolver um entendimento de condições sociais e culturais de seus contextos de uso e em uso (PORTO, 2006). Assim, tanto ciência como tecnologia são tomadas como sendo emersas da sociedade e nela são aplicadas, incorporando o dinamismo inerente aos processos sociais, que desencadeiam novas formas de relações sociais

e práticas culturais, através da interação entre os sujeitos inseridos nos ambientes tecnológicos (TARGINO, 1995; GOMES, 2000).

A abordagem sociotécnica foi minha ferramenta de trabalho. Pauto-me no conceito de actante de Latour (2000), o qual é definido como qualquer pessoa, instituição ou coisa que tenha agência, que produza efeitos no mundo e sobre os outros integrantes das redes. Os actantes, sejam estes fatos ou objetos tecnocientíficos, são tomados como elementos não delimitados *a priori*. Suas formas, seus sentidos, atributos e possíveis usos são sempre definidos no interior das redes sociotécnicas. Desse modo, busco perceber a agência e, conseqüente, interferência de smartphones e os múltiplos “territórios” *online* na experiência da sexualidade pelos/as jovens.

1.2 SEXUALIDADE E A DIMENSÃO ONLINE DA EXPERIÊNCIA

E por falar em sexualidade, é importante que eu afirme que me afilio a um conjunto de pesquisadores que recusam explicá-la como uma força natural que a ordem social controla. No nosso entendimento, ainda que seja um fenômeno que se remete ao corpo sexuado, é o modo como as culturas o definem e produzem que é o objeto das Ciências Humanas e Sociais. Em outras palavras, a sexualidade se torna compreensível como produção de processos culturais, históricos, sociais e comunitários. Nesse sentido, pesquisas sobre sexualidade precisam abordar diferentes contextos nos quais as pessoas interagem, buscando compreender a conduta sexual circunstanciada (PARKER; AGGLETON, 2007; PARKER, 1991; SIMON; GAGNON, 1999; RIOS, 2004; PADGUG, 2007).

Nessa linha, a sexualidade não se restringe às práticas penetrativas, mas envolve uma série de práticas, atitudes, discursos sexuais que podem descrever e interpretar situações diversas, que dão sentido a experiências (PARKER, 1991; RUBIN, 1993; VANCE, 1995; SIMON; GAGNON, 1999; RIOS, 2004).

Assim, os significados da vida sexual se constroem no fluxo da vida social, em determinado contexto social, por meio das interações intersubjetivas. Do mesmo modo, os significados das práticas sexuais são produzidos de acordo com cenários, regras e sanções determinados socialmente. Logo, as práticas de sexualidade podem ser compreendidas como atualização de roteiros sexuais socialmente construídos. Tais roteiros fornecem um tipo de operação sintaxe para o

fluxo social, assim como a linguagem a fornece para o discurso (GOFFMAN, 1988; SIMON; GAGNON, 1999).

Vale destacar que, esse modo de compreensão da sexualidade tem gerado um importante impacto acadêmico e social, na atualidade, orientando novas modalidades de intervenção em relação às infecções sexualmente transmissíveis e planejamento familiar (RIOS *et al*, 2002). Convém ressaltar que, se é ampla e crescente a literatura que aborda essas e outras questões em relação à juventude (Ariha; Calazans, 1998; Leal; Fachel, 1999; Almeida, 2002; Rede Feminista De Saúde, 2004; Heilborn *et al*, 2006; Lima, 2012; Menezes *et al* 2012), ainda são poucos os estudos que abordam a sexualidade na interface com as TIC.

A grande maioria dos estudos que abordam o contexto *online* enfocam na homossociabilidade (SANTOS, 2007; SILVA, IRIART, 2010; MESSEDER-PEREIRA, 2004; DOWSETT, 2015; RIOS, 2018). Eles buscam compreender como essa dimensão da existência tem matizado as experiências homossexuais, inclusive no que se refere à prevenção do HIV. Sobre esses estudos, Rios (2018), refletindo sobre as comunidades homossexuais, a importância de conhecer os códigos para a interação e respeitar a dialética do armário de modo a se proteger da estigmatização, comenta:

Com o advento da Internet essas possibilidades de interação se ampliaram consideravelmente, permitindo que as pessoas participem dessa comunidade sem sequer saírem de casa (...). Além de possibilitar o contato dos HSH com uma variedade infinita de estilos de ser homossexual, gostos eróticos e subculturas sexuais de todo o mundo (...), também acentua o caráter “discreto” (PECHENY, 2005) da dinâmica indentitária das pessoas com práticas homossexuais. Assumir-se publicamente para um outro alguém como HSH deixa de ser condição mínima para uma interação sexual, considerando a dimensão *online* da existência, onde o anonimato é mais fácil de ser garantido. Para entrar na rede de sociabilidade homossexual basta se conectar a *site* de bate papo, aplicativos de busca de parceiros ou outra ferramenta de comunicação na rede Internet. A pessoa pode apenas observar ou, se quiser e tiver disponibilidade para interagir, conversar, digitando ou falando; para incrementar, se desejar, pode usar fotos ou/e vídeos de partes do corpo mais erotizadas (...). O rosto, importante marca de identidade, não precisa ser revelado, ajudando a guardar o sigilo para as interações estabelecidas. Esses e outros recursos podem ser artifícios para interações intensas e muito prazerosas, mas, ainda assim, também muito discretas. (RIOS, 2018: 42).

Como Rios (2018) notamos que os estudos têm enfatizado a discrição como parte das disposições que levariam as pessoas com práticas homossexuais a interagirem *online*. Na dimensão *online* eles se deparam com uma infinidade de estilizações subculturais que matizariam *sites* e aplicativos, o que, junto com as

próprias categorias oferecidas nos *sites* de busca de parceiros para se descrever, produziram novos posicionamentos identitários (DOWSETT, 2015; RIOS, PAIVA e BRIGNOL, 2018). Nenhuma atenção em termos de reflexão é dada para as tecnologias utilizadas para acessar a dimensão *online*. Do mesmo modo, a faixa de idade contemplada na minha pesquisa, embora apareça entre os interlocutores, não é objeto de maior atenção.

Acredito que minha pesquisa possa contribuir para o campo de estudos da sexualidade e juventude, tanto por abordar jovens heterossexuais¹ como por refletir não apenas sobre os contextos *online* eles mesmos, mas por procurar discutir a agência que as próprias ferramentas produzem na sociabilidade e na experenciação da sexualidade *online*.

1.3 OS PRÓXIMOS CAPÍTULOS

No próximo capítulo apresento os objetivos, método e técnicas de investigação. Também faço uma breve descrição da dimensão *offline* e dos territórios *online* mais frequentados pelos jovens, que serão os cenários mais amplos onde as interações vão ocorrer, objeto de minha descrição. Nesse capítulo apresento ainda os interlocutores e a forma como se deu a entrada e a tessitura das interações para que eu pudesse ter êxito nas empreitadas.

No capítulo três, eu apresento o mundo *online*, como os jovens acessam esse contexto, como funciona, tipos de postagens e compartilhamentos. Apresento quais as ferramentas tecnológicas utilizadas, formas de acesso, interações estabelecidas, tipos de roteiros sexuais que se apresentam nesse contexto *online* em paralelo ao contexto *offline* e sua implicação e efeitos na sexualidade. Eu procuro debater a ocorrência de construção de imagem de si que implica na dinâmica da sexualidade desses jovens e vice-versa.

No capítulo quatro, apresento os enredos da sexualidade no plano *offline*. Procuro imergir nos significados de sexualidade no sentido mais amplo dados pelos jovens e específicos ao contexto escolar compreendido nos enredos dos jovens. Assim, apresento como a escola foi se tornando cenário dividido em diversos espaços. Também são apontados, entre esses atores sociais, distintos enredos de

¹ Essa não foi uma pré-condição para participar da pesquisa, mas nenhum dos/as jovens se identificou como homossexual.

significados sexuais, atentando para uma vivência mais ampla dos espaços para sexualidade, além da escola ou casa. Reconfiguro roteiros sexuais presentes nas conversas informais e no cotidiano da escola. Apresento roteiros sexuais que colaboram na compreensão sobre de que forma e com quem a sexualidade é significada, recheada de significados sexuais com caráter erotizado.

Algumas conclusões que esse estudo traz referem-se a sexualidades dinamizadas através do celular e dos aplicativos que sustentam as comunidades na Internet (Novas Tecnologias da Comunicação e Informação). O celular, pelo preço e facilidade de uso, é o que assume o lugar de principal actante, mediando as experiências *onlines* e *offlines*, numa construção de si na relação com o outro *online*.

2 METODOLOGIA: PARA UMA ETNOGRAFIA SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO CELULAR NAS EXPERIÊNCIAS SEXUAIS DESDE O CONTEXTO ESCOLAR

Neste capítulo, procuro traçar os caminhos percorridos durante a coleta de dados. Assim, explano sobre quais as técnicas de investigação científica utilizadas para alcançar os objetivos pretendidos na pesquisa. Também neste capítulo, apresento uma descrição dos contextos de interação estudados. Por fim, discuto o modo como foi acontecendo a tessitura da minha rede de interlocutores nos dois universos investigados: o universo *online* e o universo *offline* (como defino na introdução), de modo que os leitores possam compreender o percurso da investigação, os impasses e soluções que foram sendo tomadas para a sua consecução.

Na pesquisa, eu busquei compreender a dinâmica da sexualidade na interface com as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) contemporâneas, dando centralidade à ação do celular. Para tal, eu procurei acompanhar o cotidiano de jovens em uma escola estadual da cidade de Recife (PE), aqui denominada Instituto Paulo Freire. Nesse espaço busquei identificar as condutas que remetiam à sexualidade nas interações *online* e *offline* experienciadas pelos/as estudantes.

Vale destacar que considero interações sexuais como experiências que vão além das práticas sexuais penetrativas. Assim, meu interesse foi compreender nos contextos *online* e *offline*: concepções e práticas relacionadas direta e indiretamente aos órgãos sexuais; concepções e práticas sobre o que homens e mulheres, em diferentes faixas de idade, podem ou não podem fazer em dados contextos; questões relacionadas a emoções, sentimentos, desejos e estética.

A escolha em focar as interações envolvendo o celular, em especial o *smartphone*², remete à sua importância no cotidiano contemporâneo e à sua forte presença no espaço escolar (QUEIROZ, 2013). Eles dão acesso, por meio de vários aplicativos, a uma infinidade de redes sociais *online*. Assim, ao longo da pesquisa eu busquei identificar quando o celular surge nas interações e descrever possíveis padrões de uso em relação à sexualidade (socialização, formação de parcerias, etc).

² Assim como eu trago na introdução, o *smartphone* se diferencia do celular comum por combinar telefonia celular e tecnologias da computação, com armazenamento interno, sistema operacional e conectividade .

Também busquei identificar os aplicativos e redes sociais *online* utilizados e, quando possível, eu participei dessas redes de modo a descrever o tipo de conteúdo compartilhado (fotos, vídeos, links de acesso a *sites*, etc) e as interações que aconteciam em tais espaços.

2.1 OS CENÁRIOS DA PESQUISA

Como já me referi, a pesquisa aconteceu em dois cenários que precisam ser aqui apresentados para que os leitores possam se localizar e compreender o curso da argumentação dos próximos capítulos.

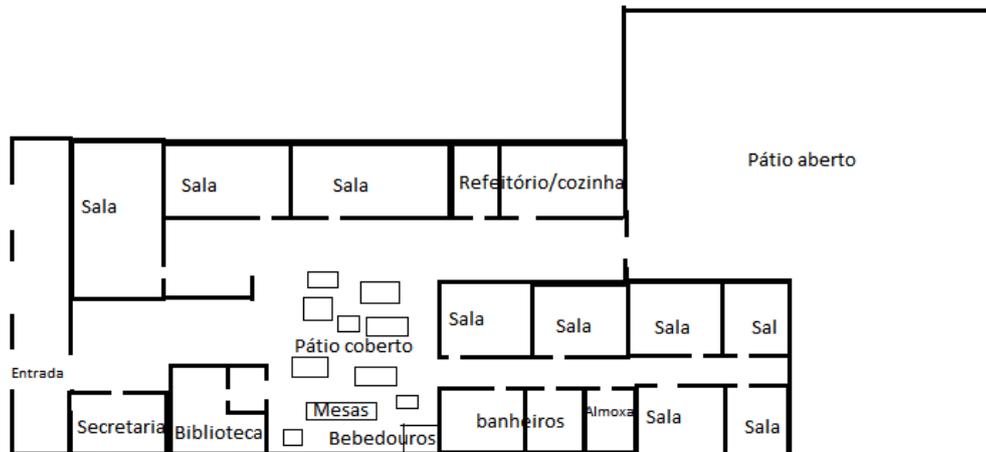
2.1.1 *Offline*: Instituto Paulo Freire

O Instituto Paulo Freire está localizado na cidade de Recife, na região político administrativa 6 (RPA 6), composta pelos bairros de Boa Viagem; Brasília Teimosa; Imbiribeira; Ipsep; Pina; Ibura; Jordão e Cohab. Como outras escolas estaduais, ela ofertava, na época da pesquisa, as 1^a e 2^a séries do Ensino Médio, cujos usuários são em grande maioria jovens. Ela possui alunos de vários bairros da RPA 6, especialmente dos bairros de Brasília Teimosa, Jordão e Ibura, que são mais populares, de classe social baixa. A escola, até o ano de 2015, funcionava como instituição municipal e passou a ser estadual em 2016, recebendo turmas do primeiro ano do Ensino Médio, para abarcar a demanda de alunos da escola vizinha que estava com superlotação. No ano de 2017, passou a ter turmas do primeiro e segundo ano do Ensino Médio.

O Instituto funcionava com cinco turmas de Ensino Médio pela manhã, nomeadas como A, B, C, D, E, e quatro turmas à tarde F, G, H, I. A quantidade de alunos por turma variava entre 25 a 35 pessoas, e a escola possuía um total de cerca de 300 estudantes. A matriz curricular dessas turmas era dividida entre as disciplinas de português, literatura, inglês, matemática, biologia, física, química, geografia, história e educação física. A administração era composta por duas secretárias e duas dirigentes, que se revejavam nos dois turnos, manhã e tarde. No período da tarde tinham três funcionários, entre merendeiras e zeladoria. A estrutura escolar era composta de nove salas, uma biblioteca, uma cozinha, uma secretaria, dois pátios: um mais central coberto e outro atrás aberto com piso de areia, local

onde aconteciam as aulas de educação física, já que não existia quadra esportiva da escola.

Figura 1 – Desenho panorâmico da escola.



Fonte: o autor.

2.1.2 *Online*: aplicativos, *sites* e redes

O ingresso nos espaços de interação *online* aconteceu através do meu celular ou computador, por meio dos quais eu acessava os *sites*, aplicativos e redes sociais nos quais os jovens se inseriam cotidianamente. Em alguns casos, eles/as enviavam convite para meus “perfis”³ nas redes e, outras vezes, eu fiz os convites.

Um espaço de maior interação desses participantes foi a rede social Facebook. Lançada em 2004, chegou a atingir dois bilhões de usuários ativos em 2016, sendo por isso a maior rede social *online* em todo o mundo. O nome do serviço deriva do nome coloquial do livro dado aos alunos no início do ano letivo, em algumas universidades dos Estados Unidos, para que eles possam se conhecer. O funcionamento da rede acontece de maneira semelhante ao livro que o nomeia (TECHTUDO, 2017). Há uma foto de capa no “perfil” e o nome pelo qual a pessoa deseja ser reconhecida nesse meio. Conforme você adiciona ao campo “amigos”⁴ outros “perfis”, enviando convite, seus contatos (também chamados de “amigos”) nessa rede aumentam. Nesses “perfis”, podem ser inseridas várias descrições

³ Tipo de cadastro pessoal de contato, feito por *e-mail* ou número telefônico, no qual se adicionam arquivos, informações pessoais, conteúdos, etc.

⁴ Espécie de convite para a outra pessoa aceitar interagir e dar acesso aos conteúdos compartilhados naquele espaço.

personais sobre atividades que cada usuário realiza, além de fotos e publicações sobre qualquer assunto ou conteúdo exibidos na chamada “linha do tempo” ou “*feed*”.

Outro espaço de acesso pelos jovens foi o YouTube, um *site* de compartilhamento de vídeos fundado em 2005. “O termo vem do Inglês ‘you’ que significa ‘você’ e ‘tube’ que significa ‘tubo’ ou ‘canal’, mas é usado na gíria para designar ‘televisão’. Portanto, o significado do termo ‘youtube’ poderia ser ‘você transmite’ ou ‘canal feito por você’” (TECHTUDO, 2017). A proposta é semelhante à da televisão, na qual existem vários canais disponíveis, porém os canais são criados pelos próprios usuários, que compartilham vídeos sobre os mais variados temas.

O YouTube hospeda uma imensa quantidade de filmes, documentários, videoclipes musicais e vídeos caseiros, além de transmissões ao vivo de eventos. A popularidade conseguida por alguns vídeos caseiros levam pessoas desconhecidas a se tornarem famosas, sendo consideradas celebridades instantâneas, chamadas “youtubers” (TECHTUDO, 2017). Esse *site* também funciona com um cadastro via *e-mail* chamado “conta”: cada conta pode decidir seguir e se cadastrar no canal de qualquer usuário e, sendo liberado, pode acompanhar todas as postagens e publicações que sejam realizadas nesses canais.

O Spotify é um aplicativo⁵ de serviço *streaming*⁶ de música, *podcast*⁷ e vídeo que foi lançado oficialmente em 2008. Um grande exemplo de *streaming* é também o *site* Youtube, que utiliza essa tecnologia para transmitir vídeos em tempo real. As músicas podem ser navegadas ou pesquisadas por artista, álbum, gênero, lista de reprodução ou gravadora. Usuários podem criar, editar ou compartilhar *playlists*, compartilhar faixas em redes sociais ou fazer *playlists* com outros usuários. O Spotify fornece acesso a mais de 30 milhões de músicas. Em 2017, contava com mais de 140 milhões de usuários ativos mensais e mais de 60 milhões de assinantes pagantes. O Spotify paga *royalties* baseado no número de audições de um artista como proporção total de músicas ouvidas no serviço (TECHTUDO, 2017). Mais a frente, veremos que esse aplicativo esteve presente em

⁵ Aplicativo é um programa concebido para processar dados eletronicamente, facilitando e reduzindo o tempo de execução de uma tarefa pelo usuário.

⁶ Streaming é uma tecnologia que envia informações multimídia, através da transferência de dados, utilizando redes de computadores, especialmente a Internet, e foi criada para tornar as conexões mais rápidas.

⁷ Áudio disponibilizado por meio de um arquivo ou *streaming*.

vários momentos em que o celular foi posto no centro da conversa dos interlocutores, na escola.

Outro espaço de interação *online* com os jovens foi o Whatsapp, aplicativo que surgiu em 2009. É um aplicativo de mensagens instantâneas e de chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a Internet. Em 2016, o Whatsapp alcançou a marca de um bilhão de usuários. Em 2017, adquiriu nova função de interação que foi o *status*, que permite postar fotos e vídeos de até 30 segundos as quais somem após 24 horas, algo semelhante ao Instagram e o Snapchat (TECHTUDO, 2017). Esse aplicativo foi importante para consolidar minha rede de contatos com os participantes da pesquisa, já que ocorre pela troca de número telefônico. Assim, pelo dinamismo das mensagens eu acessava informações muito rapidamente, por exemplo, se haveria aula ou não ou, caso houvesse alguma atividade extra classe, eu era informada pelos jovens.

Embora o Facebook ainda fosse uma das redes mais usadas pelos participantes, havia indícios de migração cada vez maior para o Instagram, aplicativo que surgiu em 2010. Assim como o Facebook, o Instagram é uma rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos pelos usuários, mas que se diferencia por permitir aplicar filtros digitais, modificar os conteúdos compartilhados, especialmente fotos, e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook e Twitter. Outra diferença é que, no Instagram, as postagens são, em sua maioria, fotos e vídeos. Através dessa rede, muitas celebridades podem ser patrocinadas para fazerem uma foto promovendo determinado produto. Em 2015, a empresa lançou outra função, o *Boomerang*⁸. Em junho de 2018, Instagram lançou o IGTV, um aplicativo para vídeos mais longos, e abriu disputa com YouTube para atrair criadores de vídeos. Desde 2015, a presença de brasileiros na plataforma é maior do que a média global (KANTAR, 2016; CORREIO DO ESTADO, 2017).

Outro espaço de meio *online* envolvido é a Netflix, uma provedora global de filmes e séries de televisão via *streaming* com mais de 100 milhões de assinantes e acessada por mais de 190 países. A expansão começou pelo Canadá em 2010

⁸ Transformar as imagens em minivídeos, o usuário pode capturar dez fotos em sequência e criar um vídeo curto e em *looping*.

(TECMUNDO, 2016). Por envolver conteúdos de séries que os alunos acompanham, acabou sendo citada nas conversas de campo.

Por fim, apresento um último meio de interação *online* que tive com os jovens da pesquisa que foi o Snapchat, um aplicativo disponível desde 2011 no qual os usuários podem tirar fotos, gravar vídeos, adicionar textos e desenhos à imagem. Tem semelhança com o Instagram, mas uma das diferenças está no tempo que o usuário pode escolher para a imagem ficar no visor do “amigo” de sua lista. No Snapchat, que significa “conversas em um estalo”, é possível iniciar uma conversa com texto ou vídeo com seus “amigos”, mesmo sem ativar sua câmera para conversar. O tempo de cada *snap* é de 1 a 10 segundos e, após abertos, a imagem ou o vídeo somente poderão ser vistos pelo tempo escolhido pelo remetente. Ele possui filtros de aceleração, câmera lenta, exibição de vídeos de trás para frente, filtros adicionais como um dos mais famosos que é a carinha de cachorro (KANTAR, 2016).

2.2 MÉTODO

Visando compreender a dinâmica de sexualidade entre os jovens por meio do uso do celular na interação desses espaços *online* e *offline*, foi feito uso do método qualitativo. Esse método retrata um compromisso com o contexto social pesquisado, que visa a consolidar um contrato político, preocupado com a transformação social. São métodos que se adaptam ao contexto e essa prática teórica é possibilitada por técnicas que permitem a constituição da realidade pesquisada por meio de troca de saberes das diversidades de símbolos, de significados, de processos, de subjetivação e de fenômenos de grupos específicos e delimitados (MINAYO; SANCHES, 1993; DEMO, 2003). Assim, pautei-me por uma linha metodológica de abordagem compreensiva (DILTHEY, 2002) por meio de uma perspectiva etnográfica.

A etnografia funciona como a busca por compreensão de como se dá a elaboração de um manuscrito estranho, a tessitura social de um dado contexto, que possui incoerências e exemplos transitórios. Cabe ao pesquisador sistematizar as informações coletadas de modo a acessar as estruturas conceituais que informam os atos e os discursos sociais dos sujeitos. Ela visa à elaboração de um sistema de análise capaz de interpretar as informações alcançadas (GEERTZ, 1989).

Busquei, então, conhecer termos e categorias do grupo estudado, tendo como foco o uso do celular no processo de subjetivação sexual. Em outras palavras, conhecer os efeitos dessa tecnologia no processo de subjetivação sexual no cotidiano de um contexto escolar, ou seja, no cotidiano de suas práticas e ações imersas em dada história, cultura e contexto social.

Para pensar em etnografia no contexto escolar, é válido ressaltar que recorreremos a estudos posteriores aos anos 70, já que, até essa década, os estudos sobre práticas escolares faziam uso essencialmente de esquemas de observação com o intuito de registrar comportamentos de professores e alunos em situações de interação, chamados de estudos de “análises de interação”, baseados nos princípios da psicologia comportamental. É em 1976, através do livro *Explorations in classroom observation*, que Michel Stubbs e Sara Delamont fazem uma análise crítica desse tipo de investigação, tornando-se referências no uso das abordagens etnográficas em educação.

No Brasil, o uso dessa abordagem etnográfica em educação foi pioneira na Fundação Carlos Chagas, no Departamento de Educação da PUC-RJ, em 1980, e no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas da Educação (INEP). A crítica levantada por essa linha de estudo, aos esquemas de observação, aponta uma irrelevância dada ao contexto espaço-temporal em que os comportamentos se manifestam. Por destacarem estritamente o que pode ser observado, colocando limites arbitrários em algo que é contínuo, os esquemas de observação seriam uma valorização mais ao número de observações do que ao seu conteúdo (ANDRÉ, 1995). Em contrapartida, a abordagem antropológica na educação ocorre em um contexto atravessado por uma multiplicidade de sentidos que fazem parte de um universo cultural estudado. Nesse tipo de abordagem, procura-se entender essa cultura, utilizando para isso técnicas que envolvem registro de campo, entrevista, análise de documentos, fotografias, gravações, etc. Os dados são vistos como inacabados. Nela o pesquisador não objetiva comprovar teorias nem fazer grandes generalizações, mas descrever os contextos e compreendê-los (ANDRÉ, 1995). Desse modo, nosso fazer científico etnográfico envolveu o trabalho de campo, a descrição e a análise dos fenômenos culturais particulares (LAGE, 2009), utilizei para isso técnicas como a observação participante e Rodas de conversa.

2.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

O uso da técnica da observação participante possibilitou minha inserção no contexto e cotidiano pesquisado, de modo que eu pudesse interagir com os seus integrantes e vivenciar suas trocas de experiências, compartilhando atividades, comportamentos, atitudes e sentimentos, tanto no universo *online* quanto *offline* (BECKER, 1997; LAVILLE; DIONNE, 1999).

A observação participante aconteceu entre outubro de 2016 e agosto de 2017, e visou descrever as redes de significados culturais dos interlocutores estudados baseando-se em suas concepções e em seu referencial de mundo. Assim, ela não se restringiu a descrição de situações, ambientes, pessoas ou à repetição de suas falas e de seus depoimentos, mas procurou recompor as ações e interações dos atores sociais conforme seus posicionamentos, suas categorias de pensamento, sua lógica. Um preceito dessa técnica é o da relativização, deslocamento do centro do observador para o centro do universo investigado, das suas apreensões, dos seus valores e das suas concepções e descrição dos significados culturais desses sujeitos (ANDRÉ, 1995).

As observações foram registradas em um diário de campo, que consistiu em tomar notas das cenas, dos acontecimentos e dos fenômenos das escutas que eu vivenciei no dia a dia, durante toda a experiência etnográfica, bem como das interações *online*, nas redes sociais e aplicativos, e das conversas informais (LAVILLE; DIONNE, 1999). Através da escrita do diário de campo, procurei reunir dados tendo em perspectiva os recortes traçados pelos objetivos, que buscaram, por meio da técnica da observação, investigar roteiros das parcerias e práticas, além dos tipos de materiais tecnológicos que o grupo compartilha e sua relevância na socialização sexual desses interlocutores.

Vale destacar que o acesso ao mundo *online* se deu por meio do meu celular e do meu computador. E foram nas situações de Rodas de conversa e conversas informais que eu pude mapear os principais aplicativos e redes sociais de que os participantes faziam parte. Em alguns momentos face a face, eles/as apresentavam conteúdos dessa rede *online* através dos seus próprios cadastros nessas redes e dos seus celulares. Nesses ambientes *online*, eu tive acesso apenas às informações que os participantes da pesquisa deixavam públicas. Destaco que o

interesse nas redes foi direcionado a compreender o funcionamento e não a ter acesso ao conteúdo privado dos participantes da pesquisa.

2.4 RODAS DE CONVERSA

As rodas de conversa aconteceram em agosto de 2017. Foram formados dois grupos, separados por gênero, compostos de 10 integrantes cada. Participaram jovens entre 16 e 19 anos. As rodas foram gravadas por celular e organizadas em seis temas, um tema por encontro, cada encontro com duração de uma hora e trinta minutos.

Para cada grupo o tema disparador seguiu a linha de discussão apresentada abaixo. Embora a temática da sexualidade não fique explícita no roteiro, nas rodas ela esteve em constante discussão. Eu queria apreendê-la de maneira mais fluída, sem muito direcionamento. Exercitei, então, uma escuta atenta para acionar questões que direcionassem à sexualidade logo que preciso fosse e assim ir explorado o tema central da pesquisa. Feita as ponderações, apresento abaixo o roteiro das rodas:

Roda 1 - Celular: Apresentação do grupo. Tempo de uso do aparelho durante o dia; grau de importância e representação dele no dia a dia; tipos de aparelhos que mantinham, questão de manutenção, acessórios; como avaliam/analisa/veem seus celulares e os dos demais ao redor; diferenças estabelecidas de um para outro aparelho; influências nas suas relações cotidianas em geral (casa, escola, vizinhança...); idade em que tiveram seus primeiros aparelhos celulares; o que mudou no uso desde então; que influência tem o uso deste nas amizades e nos relacionamentos; relatos de caso; o que esperam que poderia mudar ou ser acrescentado a essa tecnologia; os portais, *app*, software de maior acesso.

Roda 2 - Redes sociais (nessa e nas demais rodas foi pedido aos jovens que levassem materiais que pudessem representar como eles avaliam cada rede ou aplicativo e conteúdos da sua própria rede que achassem pertinentes): Instagram – motivo que fizeram aderir ao *app*; principais postagens; demonstração de algumas de suas publicações nesse meio; tipos de comentários que fazem; quais esperam ou não que sejam feitos; se mudariam algo; principais “seguidores” e quem os segue;

se já tiveram problemas; de que tipo; influências da publicação nesse meio (*online*) para o espaço fora desse meio (*offline*).

Roda 3 - Facebook: repetição de perguntas da roda anterior, além das seguintes questões: o que curtir na rede; como curtir; se eles estabelecem algumas normas implícita de publicação; o que publicariam; o que não publicariam; na ferramenta curtir agora é possível usar “amei”; cara chorosa; cara raivosa; como usam essas opções de reação; com que frequência; se estabelecem alguma regra no uso; se existe um limite do que curtir; o “como está se sentindo”; influências práticas no seu estado; se traz algum benefício; fotos que devem ou não ir para um “perfil”.

Roda 4 - Aplicativos genéricos como Spotify, Youtube, jogos, outros que sugeriram nas rodas anteriores, etc.: que outras possibilidades o celular fornece; que outras opções; o que usar no Spotify; que sentidos atribuem ao uso; algo costuma ser mais frequente nele; como costuma ser a troca de músicas; listas de músicas; o que ouvir; como avaliar o conteúdo deles. Tipos de assinaturas na rede ou quais produtores de conteúdo no Youtube são mais visualizados e seguidos.

Roda 5 - Aplicativos de paquera: driblam normas de idade; esperam algo do aplicativo; tipos de relação; relatos de caso; história de caso; como a sexualidade desse meio se difere dos demais; como a vivência desse meio se volta para o âmbito *offline* e para fora da rede tecnológica; quais desejos mais preponderantes; o que escolher; quem escolher; critérios de seleção e exclusão. Ligação desse espaço com demais redes.

Roda 6 -Whatsapp: como se inserem num grupo; quais os frequentes; quais os chamativos; os que participam mais; quais as posturas; comparadas às demais redes essas posturas se alteram?; impactos dessa rede no *offline* e *online* de demais redes; que diferença nas relações percebem, entre afinidades e distanciamentos formados através desses; conteúdos preferíveis de compartilhar; o que não são a favor de compartilharem; como se sentem diante de todas essas redes, seu papel, suas implicações e expectativas.

Vale ainda dizer que o estilo discursivo utilizado na condução de Rodas de conversa se aproximou daquele apresentado por Menegon (2009), intitulado “conversa no cotidiano”. Nas conversas no cotidiano, os participantes podem expressar seu ponto de vista sobre o tema, compartilhando-o ou não. A fala dos participantes não se disciplina em uma única narrativa, pois a ordem não obedece a

regras formais, sendo estabelecida ao longo da conversa, ou seja, desenvolve-se e é desenvolvida no decorrer das inter-relações. Nesse âmbito, quanto maior o leque de narrativas disponíveis, maiores serão as chances de manter o fluxo da conversação, ampliando a capacidade de produção de sentidos (MENEGON, 2009).

Em adição, nesta etapa do trabalho senti-me influenciada, pelos seguintes princípios teóricos de Freire (2012): ação dialógica, a qual visa à promoção do diálogo; refletividade, através da reflexão sobre você e o mundo sobre a qual os sujeitos capazes de se comunicarem possibilitam se entenderem mutuamente; e, por fim, o princípio da autonomia, caracterizado pelo termo curiosidade, o qual se refere ao direito dos sujeitos reverem, avaliarem, mudarem ou complementarem seus preconceitos por estarem abertos à curiosidade, enquanto elemento importante para a criticidade. Por exemplo, ao conversarmos sobre determinados assuntos, como o tempo de uso de celular, eu vi algumas vezes os/as jovens questionarem-se sobre como usam o seu tempo com o aparelho e avaliarem suas ações com o celular, levantando questionamentos sobre esse seu próprio uso e dos demais à sua volta. Eles/elas partem da curiosidade instigada pelas perguntas para uma reflexividade e, por conseguinte, criticidade e autonomia sobre suas ações e sobre o aparelho.

A ideia de facilitador, também, estaria na via da curiosidade, do ser curioso, alguém que emerge e submerge na curiosidade e se disponibiliza a ouvir mais do que falar. Esta possibilitaria uma reflexibilidade gerada da autonomia do próprio grupo, tendo em vista que conversa é curiosidade, questionamento e confronto dos preconceitos que os atravessam.

Para um trabalho desse tipo se efetivar, é preciso mais do que planejamento de quantidades de encontro. É preciso tempo para estabelecer confiança e respeito mútuo. Faz-se necessária a inserção em comunidade/grupo privilegiando o conhecimento da experiência subjetiva dos sujeitos em relação à sua vida cotidiana; do mesmo modo, o conhecimento da realidade coletiva e individual do grupo, ao se participar desse cotidiano. Essa prática não poderá ser compartilhada ou compreendida se o outro não se sentir no lugar de colaborador do debate ou mesmo de facilitador/cofacilitador, percebendo-se mais do que como um detentor de opinião e narrativas: na verdade, como um construtor destas. Por isso, as rodas foram realizadas ao final das observações participantes, visando o estabelecimento da confiança e respeito, além do entendimento do cotidiano desses jovens.

2.5 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A idade entre os participantes variou dos dezesseis aos dezenove anos⁹. Entre os mais ou menos 120 estudantes do turno da tarde, um total de 22 jovens entre meninos e meninas se interligaram mais à minha pesquisa. O critério de escolha foram os vínculos de amizade que eles, meninos e meninas, estabelecem entre si. Os interlocutores da pesquisa variaram entre os participantes de maneira direta, que foram os jovens, e os participantes de maneira indireta, que foram professores, pessoal da limpeza, ou seja, adultos presentes ali no contexto de pesquisa. Apresento abaixo uma relação dos principais participantes da pesquisa:

Quadro 1 - Principais participantes

Nomes	Idade	Representação
Marta		Diretora
Fátima		Professora bibliotecária
Leandro		Professor coordenador
Jolie	16 anos	Pesquisa de mestrado
Nara	16 anos	2º F
Michelle	16 anos	2º F
Luiza	16 anos	Transferida
Raissa	17 anos	2º H
Brenda	17 anos	2º H
Yuri	16 anos	1ª D
Lucas	16 anos	2º F
Bela	18 anos	2º G
Laura	16 anos	2º F
Ju	16 anos	2º F
Carol	18 anos	2º G
Paty	16 anos	2º F
Tami	17 anos	2º H
Tereza	17 anos	2º H

⁹ As idades dos participantes buscou dialogar com a definição etária do Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), por considerar que este embasa as políticas de garantia dos direitos desse público em âmbito nacional, e também por ser comumente utilizado em ambientes e instituições educativas.

Ellen	16 anos	2º F
Gina	16 anos	2º F
Paulo	18 anos	1º E
Rodrigo	19 anos	2º H
Carlos	17 anos	2º G
Victor	16 anos	1º D
Dario	17 anos	2º G
George	16 anos	1º D
John	16 anos	2º F
Luiz	18 anos	2º H

Fonte: Própria autora.

* Todos os nomes apresentados estão modificados para manter o anonimato dos interlocutores.

2.6 MODELO DE ANÁLISE

A análise dos dados foi embasada na perspectiva da dupla hermenêutica, a qual é um processo duplo de tradução ou interpretação, característica das ciências sociais, visto que as pesquisas costumam ter caráter cultural, etnográfico ou “antropológico”. As descrições possuem a tarefa de mediar as redes de significados, nas quais os sujeitos apresentam sua conduta. Porém, essas descrições contêm uma linha interpretativa que exige um esforço de tradução dentro e fora das redes de significados perpassados por teorias (GIDDENS, 1984).

2.7 TROCANDO EM MIÚDOS: A TESSITURA DA PESQUISA

Trocando em miúdos, meu contato com a escola se iniciou após as conversas com Jolie, interlocutora da minha pesquisa de mestrado que estudava no Instituto Paulo Freire.

Ao entrar em contato com a escola, eu apresentei o projeto de pesquisa e pedi a Marta de anuência para realização da pesquisa. A anuência para a realização da pesquisa na escola foi dada pela diretora Marta. A ela eu expliquei como seriam as observações, o tempo de duração e que eu acompanharia os estudantes desde sua entrada na escola, no horário de 13h30, quando começava o turno, até 17h50,

horário de saída. Durante esse tempo, acompanharia a dinâmica e viveria o dia a dia desses estudantes na escola. Assim, eu observaria seus momentos de intervalo, a dinâmica escolar da entrada e da saída e outras atividades. Caso precisasse assistir alguma aula, pediria autorização aos professores responsáveis.

Apresentei, ainda, o objetivo do projeto e o que eu esperava alcançar politicamente com ele. O último ponto que apresentei referiu-se às Rodas de conversa com os estudantes, que aconteceriam ao final das observações. Para os estudantes que participassem dessas rodas, haveria um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido específico, explicando todo o procedimento e as questões. Nosso encontro durou em torno de 30 minutos. Assim, deixei com Marta uma cópia do projeto juntamente com um modelo da carta de anuência.

Logo após esse contato com a escola e recebimento da carta de anuência, o projeto foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Pernambuco, que foi constituído pela Resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde e acompanha pesquisas com seres humanos. Houve a aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP no início de outubro de 2016, período em que foi oficializada minha entrada na escola, quase dez meses após meu contato inicial na instituição.

No início das observações, eu ainda mantive contato com Jolie, a interlocutora da pesquisa de mestrado, por duas semanas. Porém Jolie estava em um processo de transferência de escola, e precisou mudar por questões de faltas e atrasos nas aulas, justificados devido à distância de sua casa, no bairro de Cadeias/Jaboatão dos Guararapes, para a escola, em Boa Viagem.

Por meio de Jolie, eu iniciei contato com Nara, aluna do Instituto e uma das poucas jovens que se aproximou de Jolie durante o tempo em que ela esteve matriculada na escola. A partir de Nara, formou-se uma rede de relações e os vínculos de amizade que se interligaram com as amigas próximas dessa participante, através das quais eu estabeleci contato com os demais interlocutores da pesquisa.

As observações na escola aconteciam com média de três vezes por semana, durante todo o turno da tarde, acompanhando, participando e interagindo com os jovens no pátio e outros espaços do contexto escolar. O período de observação teve duração de onze meses, de outubro de 2016 até agosto de 2017.

Meus primeiros dias de observação participante aconteceram sem muito contato e interação com os jovens. Eu geralmente seguia para o pátio coberto, no qual havia mesas, estilo refeitório, e sentava na cadeira de uma dessas mesas. Observava o fluxo dos estudantes naquele espaço, entradas e saídas de salas e intervalos. Os contatos com os jovens eram bem tímidos no início. A princípio, as conversas ocorreram, durante os intervalos de aula, com Nara, a amiga em comum de Jolie, e aos poucos, através dela, fui conhecendo também Michelle e Laura.

Eu pude perceber que as relações de amizade que estabeleci na escola estiveram interligadas à Michelle, a qual colaborou para a consolidação de minha experiência em campo, já que ela se dispôs, espontaneamente, a vir interagir, quase que cotidianamente, comigo. Apresentou-me a outras pessoas desse contexto do enredo escolar e trazia nas falas assuntos da escola e de si.

Mais uma vez, a pesquisa de cunho etnográfico que realizo traz por intermédio de uma pessoa a formação de uma rede de relações e os vínculos de amizade que se interligam e que partiram desta pessoa que se tornou chave no estudo. Eu considero importante apresentar o modo como minhas relações se estabeleceram com os estudantes, a partir de cada aluno/a, e como se desdobram em outras interações. Foi por meio dessas interações, da experiência com essas pessoas, que procurei compreender como alunos e alunas entendem, praticam e compartilham sentidos sobre sexualidade. O que fazem, como percebem uns aos outros, as redes de contato que formam em torno da temática da sexualidade, as interações *online* e *offline* que estabelecem e como veem a si mesmos nesse processo.

Ao longo das primeiras semanas percebi que a dinâmica de interação desse público acontecia próximo aos bebedouros do pátio coberto. A circulação pelas áreas externas à sala de aula, por parte dos estudantes, acontecia com pedidos para beber água, momento que podiam trocar pequenos diálogos. Em geral, quando surgia um aluno ou aluna para beber água, apareciam outros mais em seguida, ficando algumas vezes sentados conversando na mesa próxima aos bebedouros.

Nas primeiras semanas, mês de outubro, enquanto eu observava as interações, ainda sem muito contato com os jovens, eu também sentei nas bancadas de cimento na lateral do pátio, onde havia as pilastras que formavam o corredor que dava para as salas. Nesse espaço, o contato com os jovens foi ainda menor, até que

decidi sentar em uma das cadeiras dessas mesas bem mais próximas ao bebedouro. Foi a partir desse momento que minha rede de contatos começou a se fortalecer no campo. Situação que me fez pensar na importância dos espaços para as interações e para o fortalecimento dos vínculos de amizades.

Nesse espaço de observação que me encontrava, nas mesas próximas ao bebedouro, tanto meninos quanto meninas sentavam próximo a mim, e perguntavam quem eu era, o que fazia por ali. Após a troca de informações iniciais, eles se dispunham a falar deles. Geralmente as conversas se iniciavam a partir do interesse pelo curso de Psicologia, fosse dizendo que tinham vontade de cursar ou curiosidades sobre o dia a dia deles que eles achavam que a psicologia poderia responder. Talvez, certa ideia do senso comum sobre o curso de Psicologia tenha permitido que, nessas conversas, alguns relatassem suas histórias de vida e questões pessoais de maneira aberta e livre. Ressalto que os contatos se deram independente do gênero dos/das jovens.

Nos primeiros três meses (outubro a dezembro de 2016), os participantes com que tive contato mais frequente foram em torno de 10 estudantes, em especial a Michelle que citei anteriormente e também Luiza – uma interlocutora de destaque, pois era bastante citada por professores e alunos em conversas no pátio. As falas sobre Luiza relatavam uma jovem imersa em discussões políticas, que questionava muito as situações políticas do país e da escola e tinha o sonho de ser Ministra das Relações Internacionais. Em algumas das conversas que tivemos oportunidade de ter no pátio, soube que ela planejava fazer intercâmbio para os Estados Unidos pelo Programa Ciências Sem Fronteiras do Governo Federal e já tinha amizades construídas pelas redes sociais com pessoas dos Estados Unidos e do Canadá, tomando como referência a sua prima que havia feito intercâmbio há pouco tempo.

Foi por conhecer Luiza e estabelecer algumas conversas com ela, no pátio da escola, que eu conheci Fátima, professora coordenadora da biblioteca. Depois de uma das conversas com Luiza, Fátima, que tudo observava, veio procurar saber o que eu realizava ali. Ao saber das minhas intenções, ela passou a comentar sobre o universo escolar. Relatou-me as dificuldades que sentia em se manter em sala de aula e, por questões psicológicas, pediu afastamento da sala de aula para serviços na biblioteca. Em vários momentos ela fez comentários sobre Luiza, sobre suas ausências das aulas, seu desempenho nas matérias.

Assim, na primeira fase da pesquisa de campo, interagi com cerca de 10 jovens e troquei contatos de redes sociais como Whatsapp e Facebook com Nara e Michelle. Nas conversas estabelecidas em meio às interações tidas nas mesas do pátio coberto, conheci tanto o universo dos jovens pelos próprios jovens quanto pela visão de alguns adultos que naquele espaço interagem com eles/as. Desse acesso às redes sociais das duas jovens pude interagir com outras jovens e receber convites para adicioná-las nas redes sociais.

As férias chegaram e durante o mês de janeiro acompanhei as interações e compartilhamentos *online*, até o retorno das aulas em fevereiro. No retorno às aulas, figuras como a de Luiza já não estavam mais presentes, pois ela havia se transferido para outra escola. Ocorreu também que, com a ida dos estudantes do primeiro ano do Ensino Médio para o segundo ano, a turma do 1º ano H foi dividida para dois segundos anos: o 2º ano H e 2º ano I. No entanto, os estudantes do ano anterior permaneceram nos grupos das amizades mais próximas que tinham.

Nesse retorno e continuação da observação participante na escola, sinto que alguns estudantes que não tinham se aproximado de mim na primeira fase das observações ficaram interessados ao me verem retornar e frequentar a escola, o que aumentou meu contato com eles/as. Nesse retorno, pude conhecer outros jovens como Paulo e Carol. Carol havia sentado ao meu lado com a curiosidade comum das conversas iniciais do que eu fazia ali. Paulo, que tudo observava, em outro momento puxou conversa, dizendo que era apaixonado por Carol, mas que ela não tinha interesse nele¹⁰.

Outras jovens de quem me aproximei foram as irmãs gêmeas Tami e Tereza, as quais utilizavam da música para interagir com os demais jovens, para conversar, traziam nas conversas especialmente assuntos sobre chorão, da banda Charlie Brown Jr. Por fim, cito também os jovens que na maior parte mantiveram contato comigo contando e gerando brincadeiras entre as meninas que algumas vezes sentavam junto de mim. Eles passavam dizendo quem “pegava” quem, quem ficaria com quem. Luiz era um desses assim como Carlos.

Nesse retorno às aulas, em fevereiro de 2017, eu acompanhei os jovens em outro espaço pela escola: as aulas de Educação Física, realizadas no pátio

¹⁰ Algumas vezes pude observar as tentativas de Paulo beijar Carol, e os modos como esta se esquivava dele. Ocasões que quase sempre envolviam repreensão dela em formas de pequenas tapas no braço dele, seguidas de risadas de ambos.

aberto da escola. Esse novo espaço trouxe momentos de descontração, conversas e interação. No pátio aberto havia algumas mesinhas feitas de cimento, nelas os jovens aguardavam a saída de um time para entrada de outro no jogo de queimado, jogo comum nas aulas, no qual meninos e meninas se misturavam. Comparando com a pesquisa que realizei anteriormente, com crianças do Ensino Fundamental, as interações e integração entre meninos e meninas pareciam maiores nesse contexto do Ensino Médio, sem separação de grupos por gêneros, como acontecia com as crianças.

Nesse período em que estive na escola, pude compartilhar da experiência dos estudantes, vivenciar o mesmo contexto, os laços de amizade, o riso, a surpresa e os segredos. As interações dos jovens ao redor dos bebedouros apresentavam aparentes paqueras, curtir a amizade e, nesses momentos, o celular ia aparecendo como destaque na interação, pelo compartilhamento dos estilos de música, programas, aplicativos, redes sociais, entre outros.

A cada aproximação que acontecia entre os alunos da escola e eu, eu era convidada ou convidava os jovens a participarem de mais um contexto de interação no qual esses/as jovens estavam inseridos, como nas suas redes sociais, por exemplo, o Facebook, o Instagram, o Whatsapp.

No que se refere à etnografia no universo *online*, destaco que, neste caso, dependeu dos convites enviados pelos interlocutores para participar das redes ou da aceitação desses aos convites enviados por mim. Meu primeiro contato *online* foi Jolie, participante da pesquisa de mestrado, e, posteriormente, Nara, Michelle, Paulo e os demais interlocutores conforme acontecia minha aproximação e contato no meio *offline* com os jovens. A inserção nesse meio aconteceu geralmente via Whatsapp, depois Facebook e, por último, Instagram ou Snapchat. Esses espaços eram observados por mim após a saída da escola, um mínimo de trinta minutos diários, eu ficava atenta às publicações deles na linha do tempo do Facebook, publicação de fotos, *stories* ou mensagens que compartilhassem nos grupos de Whatsapp. Mas, por serem espaços que se cruzam com meu cotidiano e relações sociais extra pesquisa, essas observações acabavam acontecendo a qualquer momento em que eu entrasse nesse espaço *online* e as publicações desses jovens ficassem visíveis para mim.

Também convém dizer que inicialmente pensei em realizar as rodas de conversa no mês de maio de 2017. Busquei junto com a direção da escola espaço e

período para realização das rodas, porém, justamente por estarem próximos ao período de provas, a direção aconselhou realizar as Rodas de conversa nas férias ou retorno às aulas. A decisão foi feita conjuntamente com os alunos convidados a participarem delas, escolhidos de acordo com a aproximação e contato que desenvolvemos ao longo das observações. Esses participantes preferiram que as rodas acontecessem após o período de férias, caso contrário poderiam acabar faltando muito e também pelos custos com passagens e outras questões. Assim, elas ocorreram no mês de agosto de 2017.

3 A SEXUALIDADE, O CELULAR E A DIMENSÃO *ONLINE* DA EXISTÊNCIA

Como já aludi, a pesquisa teve por objetivo investigar a construção da sexualidade de jovens matriculados numa escola estadual de Ensino Médio. Escolhi dar relevo ao papel das Novas da Informação na produção da sexualidade. Na minha pesquisa com crianças em uma escola de Ensino Fundamental, me chamou atenção o lugar que o celular ocupava na socialização sexual, assumindo um meio para compartilhar arquivos de conteúdo pornográfico. Naquela ocasião, a dimensão *online* da existência humana — o mundo que se erigiu com a disponibilização da WWW (World Wide Web) para livre uso — assumia um lugar de fornecedor dos arquivos que eram compartilhados no contexto escolar.

Seguindo os passos da pesquisa anterior, iniciei minhas observações com olhos para as interações sexuais na escola e já dando uma centralidade para o celular. De certa forma, a pesquisa com as crianças me fez constituir a hipótese de que o celular continuaria a ter importância nas experiências sexuais dos/as jovens, o que foi confirmado.

Vale circunstanciar alguns elementos que estão implicitamente constituindo as experiências *online* antes de mergulhar na sua descrição. Assim, mesmo o celular tendo centralidade, também observamos algumas diferenças no que se refere ao seu uso, que merecem ser destacadas. Na escola de Ensino Fundamental, os conteúdos vinham, em sua grande maioria, de *sites* pornô. Eram filmes e fotos baixados em *lan houses* ou disponibilizados por pais, irmãos, tios e primos para celulares de meninos. Os garotos os traziam para a escola e nela os conteúdos circulavam, sendo mostrados no próprio celular e/ou compartilhados com os colegas por *Bluetooth*. As poucas cenas em que os protagonistas das imagens eram as próprias crianças da escola (em geral, imagens feitas sem consentimento) geraram grande rebuliço e foram percebidas como tendo um grau maior de transgressão.

Na escola de Ensino Médio (QUEIROZ, 2013), os conteúdos circulantes eram, em geral, os produzidos pelos/as próprios/as jovens, não tinham propriamente um caráter pornográfico e tinham sua circulação mediada pelos aplicativos e redes da Internet. A centralidade do celular estava não apenas no arquivamento e disponibilização do material de cunho sexual, mas no acesso

constante (não apenas para baixar) ao mundo *online* e, como mostraremos, na própria produção dos conteúdos.

Aqui é importante lembrar que a escola de Ensino Fundamental não dispunha de uma Internet pública sem fio, na qual os estudantes pudessem se conectar. Do mesmo modo, os créditos e os planos de celular e Internet eram mais caros do que na época do segundo estudo, e as crianças tinham o acesso diminuído a planos de Internet para celular, o que na minha interpretação tinha a ver com o poder aquisitivo das famílias.

Ao longo dos anos, o acesso a planos de Internet para celular baratearam, em específico o acesso a alguns aplicativos como Facebook e Whatsapp, ampliando a conexão dos usuários às redes. Além disso, na escola, os estudantes tinham acesso à conexão sem fio, o que fazia com que, mesmo que os créditos do celular tivessem acabado ou que tivessem chegado ao limite de uso da Internet, eles ainda assim pudessem se conectar *online*.¹¹ Essa possibilidade de conexão a uma rede sem fio gratuita era a condição para que a circulação dos conteúdos prescindisse da proximidade física (que era necessária na escola de Ensino Fundamental para que os alunos pudessem assistir e compartilhar o conteúdo) e permitisse a circulação dos arquivos por meio das redes de relacionamento.

Feitas as devidas considerações iniciais, neste capítulo argumentarei que o celular *smartphone* será o *locus* e ferramenta para acessar um conjunto de instrumentos e de técnicas de construção de si. Uma apresentação de si mesmo com contornos eróticos vai dinamizar as interações. Proponho o celular como um dos actantes, como definido por Latour (2000). Um elemento partícipe de uma rede sociotécnica formada por humanos e não humanos, todos eles com capacidade de agir uns sobre os outros mútua e difusamente. Assim, junto com as redes sociais *online* e aplicativos do celular, sugerimos que os celulares serão agentes chave na produção da sexualidade dos jovens.

¹¹ É possível se interrogar se hoje essa realidade de conexão no *Ensino Fundamental* permanece, caso tenham ampliado as possibilidades de uso do celular, incluindo a conexão *online* nas redes.

3.1 O CAMINHO ENTRE O *OFFLINE* E O *ONLINE*

Minha entrada no contexto *online* dos participantes da pesquisa aconteceu depois de já estar inserida no contexto *offline*. Primeiro eu estabeleci uma interação pessoal presencial face a face e, em meio às observações participantes, fui tendo acesso ao universo *online* dos meus/minhas interlocutores/as. Isso se deu por meio do envio de convites para amizades nas redes sociais *online* para as jovens mais próximas, que no pátio sentavam para conversar comigo, como Michele, Nara e Carol. Com outros/as jovens, meu ingresso em suas redes *online* se deu durante a realização das Rodas de conversa, quando enviei convites para adicioná-los no Instagram, Facebook, e/ou Whatsapp.

Destaco que, para consolidar as interações *online*, foram, no meu caso, necessárias as interações no contexto *offline*. Foi preciso que os/as jovens apresentassem interesse em se aproximar da minha pessoa ali no espaço escolar. Mas, como mostrarei adiante, o conhecimento *offline* anterior nem sempre é uma prerrogativa para se ter acesso às redes sociais *online* de alguém.

Convém dizer que, embora o caminho para acessar a dimensão *online* seja variado, sendo possível alcançá-la, por exemplo, por equipamentos como computadores de mesa, *notebooks* e *tablets*, para os jovens do Instituto Paulo Freire, o celular *smartphone* assumia a centralidade no estabelecimento do contato entre as duas dimensões.

Essa tecnologia apresenta sua influência nessas relações, servindo como uma ponte objetiva e materializada do contexto *offline* para o contexto *online* e promovendo certo imediatismo das vivências diferenciado de outras tecnologias como computador, *lpad*, *tablet*, provavelmente devido ao tamanho e peso. A portabilidade facilita o transporte junto ao corpo, ao mesmo tempo o *smartphone* possui um sistema operacional ágil para abrir aplicativos, redes sociais e ferramentas.

3.1.1 O celular, portal e si mesmo

Foram vários os momentos em que observei o celular como elo de interseção entre os universos *online* e *offline*. Era comum notar, nos intervalos entre as aulas, grupos de jovens sentados nas mesas do pátio ou em pé, cada jovem com

seus celulares nas mãos trocando *playlists* do aplicativo *Spotify* e comentando sobre postagens no Facebook, Instagram ou Whatsapp.

Por exemplo, em um dos momentos de observação, no intervalo entre aulas, duas estudantes estavam sentadas numa das mesas do pátio, próximas à parede oposta ao bebedouro. Elas colocaram o celular no centro da mesa e passaram a conversar sobre as trocas de mensagem de uma delas com um possível *crush*, que aconteceu via Whatsapp e Instagram. Ela também mostrou à amiga alguns dos meninos que poderiam ser interessantes, os quais já tinham *curtido*¹² alguma foto dela ou para quem ela havia enviado *convite de amizade* recentemente. A amiga, pondo-se ao lado para melhor visualizar o celular, olhava atentamente para as fotos, comentando sobre traços de belezas dos rapazes.

Assim, o celular pode, num primeiro momento, ser pensado como portal ou caminho. Ele traz os conteúdos *online* para o contexto *offline*, como no exemplo das meninas debatendo a respeito dos *crush*. Do mesmo modo, o celular leva marcas do contexto *offline* para o contexto *online*, quando os/as estudantes tiram fotos de situações cotidianas e instantaneamente compartilham nas redes sociais do Instagram ou Facebook. No que se refere ao contexto *offline* da escola as fotos usualmente são feitas em intervalos de aula. Tais fotos produzem uma sensação de participação, em tempo real¹³, nas duas dimensões existenciais.

A disponibilização de um conteúdo nas redes *offline* é chamada na linguagem nativa de *posts* ou postagens. Quando esses *posts* se referem à própria pessoa ou ao entorno interacional *offline* (os quais podem ser imagens visuais, mas também narrativas textuais e audiovisuais), eles são, em geral, objeto de cuidadosa manipulação e possuem intencionalidade. Em outras palavras, as postagens, ainda que se sejam concebidas como instantâneos de suas realidades, nas mais variadas maneiras de ser, de estar e de se sentir, mais do que revelarem quem é quem, apontam para o modo sobre como querem ser vistos no mundo *online*.

No caso do Facebook, as publicações sobre o dia a dia e os elementos de que gostem no *feed de notícias* ou *mural* podem ser interpretadas como a construção de uma “imagem de si”. Não quero com isso dizer que as imagens e narrativas utilizadas para tal composição são mentirosas. No plano *offline*, existe um termo específico para esse tipo de narrativa. São os “perfis” *fakes*, onde são

¹² Demonstrar por meio de uma ferramenta da Internet que gostou do conteúdo disponibilizado.

¹³ Termo referente ao ato instantâneo, e a acontecimentos simultâneos.

modificadas características de modo a não permitir o reconhecimento do ente por detrás do *avatar*¹⁴. O que quero sublinhar é como a imagem de si nas redes sociais na Internet, como em qualquer jogo de posicionamento *offline*, apresentam faces do si mesmo no jogo identitário (HALL, 2000).

3.1.2 As mudanças dos equipamentos, aplicativos e redes sociais

Mas, se, em tempos da modernidade tardia, o celular ajuda na produção de imagens de si, a ação dos usuários sobre o celular, aplicativos e redes sociais também pode ser notada. Os usuários constroem novos modos de uso e funcionalidades dos aplicativos, redes sociais e do próprio aparelho celular. As empresas que fabricam e vendem as tecnologias estão em constante pesquisa sobre os desejos de seus públicos alvos e os *designers* de aplicativos, *sites* e equipamentos estão sempre atentos para incorporar essas novidades, disponibilizando mais amplamente como ferramentas para outros usuários. São ávidos em atender (e produzir) desejos, modificando seus produtos rotineiramente para criar novas demandas, uma vez que isso significa incorporar valor monetário aos aparelhos, aplicativos e *sites*.

Por exemplo, o trabalho realizado para a melhoria das fotos postadas, que há alguns anos era realizado apenas em sofisticados programas de edição de imagens, hoje pode ser feito nos próprios aparelhos celulares. Em adição, os celulares ganham diferenciação de preço muito mais em função da qualidade de suas câmeras fotográficas, capacidade de armazenamento e tempo para o processamento de suas operações do que em função do bom cumprimento de sua função inicial: possibilitar a conversa entre pessoas distantes, em tempo real, sem a necessidade dos cabos telefônicos.

Mas não são só os aparelhos foram incrementados. Houve uma proliferação de aplicativos de uso no próprio celular de modo a melhorar a qualidade das imagens e efeitos. Essas modificações também ocorrem nas redes sociais, permitindo as modificações de fotos e vídeos no momento mesmo em que a pessoa se prepara para disponibilizar as imagens *online*.

¹⁴ Desenhos/imagens semelhantes ao usuário, escolhidos por eles nas redes, permitindo a personalização dentro do ambiente online. Uma transcendência da imagem da pessoa para um corpo online.

As redes modificaram formas de interações *online*, incorporando sinais que remetem a sentimentos e emoções concernentes a si mesmos e às postagens dos “seguidores” ou “amigos”, os chamados *emojis* – inicialmente eles eram sinais gráficos da escrita que produziam a impressão de, por exemplo, felicidade [:)] ou [:(] tristeza, que foram retrabalhados e ampliados para a demonstração de uma infinidade de gradações de emoções e microgestos comuns na linguagem face a face como [😊] e [😞], ou [😏] e muitos outros.

Nessa mesma linha, foi criado campo para curtidas, em que o “amigo” ou passante pode demonstrar se gosta (*like*) ou não (*dislike*) das publicações do seu *feed*. O campo para curtidas se universalizou pelas imagens de, respectivamente, punho fechado com polegar apontando para cima e para baixo, imagens essas que em algumas redes, como o Facebook, se diversificam em vários matizes como gostar, amar, surpreender, fazer rir, odiar, cada um representado por uma imagem. Essas e outras ferramentas se tornam importantes no processo de produção de narrativas de si e na comunicação com os outros participantes das redes.

Se a ligação de voz, como já falei, foi a principal função na criação do aparelho celular, hoje em dia as funções são as mais variadas: envio de mensagens de texto, chamadas de vídeo, envio de áudios, jogos *offline* e *online*, medição de batimento cardíaco e quantidades de passos, lanterna, agenda, acesso à Internet e a navegadores da rede e uma infinidade de outras possibilidades.

Luiz e outros participantes das Rodas de Conversa trazem esse retrato de mudança e implicação no uso do celular: “*Meu celular era videogame, jogo. Era jogo o tempo todinho. Não tinha nem selfie. Antes eu não tinha necessidade disso*”. Essas mudanças do uso do celular são apresentadas durante as rodas de conversa pelos jovens ao relatarem sobre como usavam o celular e quais mudanças percebem ter acontecido ao longo do tempo:

Eu acho que quase tudo no celular mudou. Eu tinha... Você não sabia nem o que era giga. Você só usava para jogar. Eu lembro, eu comprei no Shopping Guararapes. Eu subi no ônibus e aí liguei o celular e já fui baixando jogo. Minha mãe reclamando comigo. Mas agora já é ligar. Pode tirar foto! Muita coisa mudou mesmo. Até nossa mentalidade com os próprios aparelhos. Tipo, que quando você ganha, você é criança, assim, você quer saber se dá para aquele jogo, você quer baixar aquele jogo. Fazer essas coisas só por diversão. Mas, agora, com a mentalidade mais evoluída, a gente já pensa nas coisas. Até trabalho, conta no banco pelo celular. Você já usa para outras coisas, vai melhorando câmera, vai melhorando voz, chamada de vídeo. Antes era por diversão, agora a pessoa

leva como se fosse à vida. Tem gente que fica sem celular, fica doente e tal. A empresa quer contatar você, a pessoa tá lá no celular. (George).

O relato de George sobre os usos do celular nos apresenta duas dimensões históricas. Por um lado, considerando sua própria história, ele aponta como da infância à juventude ele foi ampliando as possibilidades de uso do objeto que, para ele, nunca foi exclusivamente um meio de comunicação de mensagens de voz em tempo real. Sempre possuiu uma dimensão lúdica muito importante, inicialmente figurada nos jogos que o aparelho disponibilizava.

Ele vai mostrando como, com o galgar das idades, vão se ampliando as possibilidades de diversão que o aparelho oferece e, já em função das demandas que a juventude começa a trazer, a relevância que o aparelho hoje assume no mundo do trabalho (acesso a bancos e possibilidades de contatos com empresas).

A segunda dimensão, não explicitada na fala de George, é que, no caso dele, todas essas possibilidades vão se constituindo quase que ao mesmo tempo em que ele vai galgando as idades, uma vez que são construções muito recentes na história das tecnologias de comunicação.

3.1.3 O celular e as interações

Ainda na linha dos usos do celular, durante as rodas de conversa, foi perguntado como os/as jovens percebem a importância e influência do celular no dia a dia. O aparelho foi percebido como tendo suma importância para os/as nossas interlocutores/as: “O celular é tão importante que acaba fazendo parte da vida da gente. Mensagem no Whatsapp, dorme com ele perto da cama, tá ligado?” (Brenda). “Até no banheiro eu tô com ele. Praticamente tem uma cola na mão. Eu só não mexo no celular quando eu tô na escola, porque não trago. Eu durmo escutando música, em ligação... (Tami)”.

Os/as jovens assinalam a sensação de perda ou falta de alguma dimensão importante de suas existências quando ficam impossibilitados/as de o utilizarem.

Rapaz, quando tira o celular a pessoa fica sem ter o que fazer. (John).
É, fica sem graça, tudo perde a graça. É como se ficasse faltando alguma coisa. Quer sair, vai tirar uma foto, tira como? Quer ver um filme, programa

de televisão. Você fica: “oxe, quero ver televisão.” Nada. Fica querendo... Fica todo agoniado. (Lucas)

Essa necessidade do celular é percebida pelos pais e mães dos/as jovens, que utilizam o impedimento de uso como uma forma de castigo: “Não consigo passar um dia sem celular, a não ser quando a mãe põe de castigo, tira o celular por uma semana. Aí ela deixa o celular dela fácil, entro olho o Face.” (Tami).

Fica irritado (ficar longe do celular) à distância... Eu coloco o celular para carregar numa tomada longe. Então, liga o Bluetooth, liga na TV logo. Fica nos dois. Deixa a TV ligada ou computador e celular ao mesmo tempo. Às vezes a mãe fala assim, dá vontade de tomar, ou dá vontade de estourar o celular no chão. Aí, quando ela pega, eu fico estressado, mexo no cabelo. (Victor)

Se essa tecnologia aparece nos relatos como uma ferramenta profundamente integrada ao corpo, também há menção ao seu duplo e contraditório papel nas interações. Há opiniões sobre como o celular aproxima pessoas, mas também há, muitas vezes emitidas pela mesma pessoa, aquelas que sublinham como ele produz afastamento.

Comentado sobre o celular como necessário para as interações pessoais na contemporaneidade, Carol diz: “É um item que não pode faltar, porque estamos numa época mais tecnológica. Todo mundo tá. É raro falar mais por ligação, a não ser algo mais urgente, mas se não for... Whatsapp, Instagram, todo mundo tem hoje. Aí, fica mais fácil.”.

Luiz menciona a oportunidade de lazer e de aproximação entre amigos que moram muito distantes:

Celular é mais para distrair, passar o tempo. Antigamente, tinha que ligar para ela (pessoa), perguntar se ela tá para ir passar o tempo. Hoje conversa com todo mundo onde ela tiver, Rio de Janeiro... Não mata a saudade de ir ali e beber uma não, mas dá para diminuir. (Luiz).

Na mesma linha, George exemplifica: “Falo muito com irmão gêmeo. Somos adotados por famílias em ruas próximas. Quatro anos (a gente) descobriu que éramos gêmeos, aumentou a amizade. Toda coisa, assim, falo com ele (pelo celular)”.

Raíssa admite que às vezes é difícil dar exclusividade às interações *offline* em detrimento das *online*: “Tipo: eu tô no celular, fulano tá. Eu fico interagindo

aqui solto o celular. ‘Solta o celular’”. Já Carol diz: “Não é vício, é costume nosso ficar com o celular na mão. Ficar mexendo no celular com alguém que esteja ‘on’”.

Nessa linha, Dário sublinha como, dado a fixação nos conteúdos disponibilizados *online*, as pessoas perdem oportunidades interacionais *offline*: “Vê que coisa chata. Você vai marcar de sair com uma menina. Chega lá, você tá sentado numa praia com ela, ela tá esperando atenção sua e você fica lá mexendo no celular”.

Victor também comenta:

Você diz: “solta o celular!”. Uma vez eu fui para praia, aí tava todo mundo com celular, mexendo, tirando foto para postar no Face, no Instagram... Aí eu tava com a bola. Aí peguei a bola e chamei dois que tavam lá passando. O pessoal ficou lá no celular, nem se deram conta que eu saí. Estava com a bola e saí dali e fiquei com a bola, de tanto que tavam mexendo no celular. (Victor).

Rodrigo completa, comum nos constantes debates sobre o tema: “a pessoa esquecer do momento que ela tá vivendo para ficar mexendo nas redes sociais, vive de aparência, né?”.

Já Carlos lembra do tempo quando não havia acesso a redes sociais *online* pelo celular, quando o equipamento era utilizado para articular as pessoas para um encontro presencial *offline*. Comparando com as interações atuais, aponta para uma dificuldade de concretizar *offline* articulações realizadas pelo *Whatsapp*. Ele relaciona a preferência por interações *online* ao comodismo e preguiça.

Antigamente, marcava o quê? Vamos fazer uma festa na casa de um amigo ou no lugar. Só fazia ligar. Num sei que, num sei... “E aí, tu vai? Vou. Liga aí para fulaninho que eu vou ligar para outro fulaninho.” Ai marcamos no devido lugar, para fazer uma roda. Tipo, a gente podia fazer um luau. Vamos beber, conversar isso aqui, curtir. Hoje em dia, não. Hoje em dia, temos grupos no *Whatsapp*. Povo fica em casa jogado, preguiçoso, não quer sair mais. Sai uma vez perdida. Porque não que seja obrigatório, mas porque o amigo é conhecido e mais pela consideração. Porque não fosse ficaria pelo celular. Marcar no grupo todinho, foram três pessoas. (Carlos).

A descrição da dinâmica que se configura entre o celular, dimensão *online* e *offline* e usuários, permite localizá-lo como parte de uma rede sociotécnica, nos modos como definidos por Latour (2000). Uma rede formada por humanos (os usuários) e não humanos (o celular, aplicativos e *sites* e tudo que se produz nessa dimensão). Considerando o plano existencial possibilitado pela WWW, ingressar

nessa rede sociotécnica por meio do celular permite uma inscrição da imagem de si na dimensão *online*, o que torna capaz a ampliação das circunstâncias e das pessoas com quem se pode interagir, em tempo real, independentemente das distâncias territoriais que caracterizam a dimensão *offline*.

Na dinâmica que emerge entre os atores deste campo, o celular *smartphone* não é apenas meio ou caminho para as interações acontecerem, ele é agente. O celular (e também os outros integrantes da rede sociotécnica) se produz e é produzido, se faz e refaz em função das relações que se fazem na própria rede (que existe em conexão com outras redes sociotécnicas). Apresentada a dinâmica, podemos passar para a descrição sobre como a sexualidade é produzida e vivida *online*.

3.2 A SEXUALIDADE *ONLINE*

Questionados sobre os assuntos mais frequentes nas conversas e postagens *online*, George é categórico: “Mulher, futebol ou sair¹⁵. Se tá namorando compartilham: ‘E aí, fizesse o que?’; ‘Isso aqui’; ‘Poxa, a minha já faz um ano já’; ‘Eita, que pena’. Se tá solteiro: ‘Pegasse quem?’; ‘Ficasse com quem?’; ‘Pegasse quantas?’”.

Os comentários sobre o *crush*, que mobilizavam as garotas ao redor de um celular na observação que realizei no pátio da escola, não é um incidente fortuito. As temáticas dos apaixonamentos, interesses afetivo-sexuais, peguetes e ficantes *offline* são recorrentes entre os garotos e as garotas participantes da pesquisa. De certa forma, as interações observadas e narradas sobre o amplo universo afetivo-sexual colocam em perspectiva a ideia de que as interações *online* distanciam as pessoas das *offline*. Como aponta George, expor as interações sexuais *offline* é uma constante e mobiliza as atenções dos “amigos” das redes *online*.

Para darmos conta da temática da sexualidade como experienciada *online* precisamos abordar três aspectos que ocorrem de forma interligada, mas que serão descritos separadamente para facilitar a compreensão: a inserção de pessoas desejáveis eroticamente nas redes sociais; as modalidades de relacionamento

¹⁵ Pude observar que a categoria se refere a encontrar com amigos/as para compartilhar bebidas alcoólicas.

online (com ou sem enraizamento *offline*); e a eroticidade expressa na imagem de si e modulada em função das curtidas;

Na Rodas de Conversa sobre o mundo *online*, Luiz me esclarece sobre os “territórios” mais frequentados pelos/as jovens: “Vamos dizer, assim, no celular de cada um, tem que ter pelo menos quatro coisas: Facebook, Whatsapp, Messenger e Instagram. Tem todos os quatro em todo celular, se você pegar um celular que tenha Internet, não tenha esses quatro, eu te dou dois reais”.

Os “territórios” online mais utilizados pelos jovens são: Whatsapp, Facebook, Instagram. “Eu gosto, sempre posto no Instagram, todos tem Instagram, minha melhor rede social, eu fico sem Whatsapp, mas sem Instagram não, tenho desde 2014” (Carlos). Esses de maior uso são os que apresentam maior dinâmica sexual, seja nas brincadeiras eróticas, nos relacionamentos à distância ou outra relação.

Como já mencionei, conforme os contatos e a aproximação com os participantes foram acontecendo na dimensão *offline*, fui pedindo acesso às suas redes *online*. Eu e os jovens estabelecemos interação nesses meios: Whatsapp, Facebook, Instagram, Snapchat. O fato é que a partir das redes eu tinha a sensação de ampliar vertiginosamente o meu conhecimento sobre os jovens e suas vivências, comparando com aquilo que as interações no plano *offline* me ofereciam para conhecê-los/as. Também tinha a sensação de proximidade maior com esses jovens, já que, por meio da experiência *online*, eu tinha acesso à versão das experiências que eles mesmos disponibilizavam sobre os seus cotidianos para além do espaço escolar.

Observá-los nos dois contextos também possibilitou acompanhar as imbricações das duas dimensões experienciais, quando, por exemplo, algo visto nas redes, seja a foto de um garoto ou conversas com algum *crush*, era trazido para conversas *offline*. Assim como o inverso, vários momentos da escola eram registrados e compartilhados como *selfies* ou Snapchat com os demais públicos de interação *online*.

Observei que o aparelho celular proporciona a captura das vivências instantâneas, o imediatismo e abertura para acompanhar as vivências dos sujeitos, muitas vezes quase que de instante a instante, pelas redes *online*. Também observei que o universo *online* é apresentado como profundamente marcado por conteúdos de natureza afetivo-sexual.

3.2.1 Tornar-se “amigo”

No plano *online* a busca por “amigos” ou “seguidores” é incentivada pela ampliação das possibilidades de interação. O próprio número de “amigos” vai ser um dos elementos para compor e positivar a imagem de si apresentada nos “perfis”. Há vários caminhos para tornar-se “amigo” de alguém. Já falei de uma das formas, que é a partir do contato *offline* ser adicionado em uma rede por meio de um convite. Mas existem outras formas.

No caso do Facebook e Instagram os/as jovens passeiam pelos “perfis” de “amigos” e de “amigos” de “amigos”. Percebendo alguma afinidade, passam a *curtir* postagens e podem solicitar amizade por meio de convites. As próprias redes possuem ferramentas que selecionam pessoas e as oferece como possibilidade de formar amizade. Essas interações podem ser por mensagens privadas (*inbox*) na ferramenta Messenger do próprio Facebook. Também é possível conhecer pessoas em aplicativos de jogos.

Tenho três amigos de São Paulo, um de Fortaleza e um que morava em São Paulo, só que se mudou pra cá, lá em Igarassu. Ainda não consegui ver ele. E, tipo, são amizades que já duram quatro anos. É uma vida! E isso começou através de um joguinho via celular. E aí eu fui conversando. (...) Aí, a gente pegava o contato um do outro. Começava a conversar pelo privado. E, nisso, eu tinha uma quantidade enorme de amigos, pelo fato do jogo... E eu era amiga de todo mundo. Bania o povo que eu não gostava, fazia uma festa lá dentro. E, tipo, hoje em dia eles conversam comigo, dizem eu tô com saudades, sem eles terem me visto. É uma amizade legal, que eu sinto que é verdadeira. (Tami).

Mas é importante esclarecer que tornar-se “amigo” de alguém pode gerar ou não maior proximidade ou diálogo. O sentido de amizade no plano das redes sociais *online* é diferente do sentido no plano *offline*, que remete a uma vinculação mais intensa marcada por emoções que remetem à cumplicidade e à solidariedade, reforçada por confidências e trocas de experiências íntimas. No mundo *online*, há idealização de que aquelas pessoas que são adicionadas aos “perfis” construam esse tipo de vinculação. Mas, o que se chama de “amigo” tem a ver, em princípio, com as pessoas que participam da rede social de alguém.

No caso do Whatsapp, o acesso se dá por inclusão do número do celular. Mas também é muito comum a formação de grupos em que muitas pessoas desconhecidas são adicionadas e passam a receber postagens e/ou a interagir por

meio de mensagens de escritas, de áudio ou imagens. “A maioria das minhas amizades foram pelos grupos de Whatsapp. Tipo, um amigo coloca num grupo, aí eu acabo fazendo um monte de amizade” (Ju).

Os/as jovens fazem um contraponto entre os grupos de amizade e os grupos de família, de que muitos disseram fazer parte. Nesse caso, o ingresso ou permanência se dava, muitas vezes, muito mais por obrigação que por desejo. Os assuntos não os mantinham conectados ou interessados a permanecer no grupo:

Tenho grupo de família, mas eu saí. Oxe... Quando ele tem assunto a respeito da gente... fica chato demais, menino. Tem quem aguente, não. É sério. Falar a respeito da gente. Fica chato demais” (Carlos). “Principalmente falam a parte do estudo. Que eu sou preguiçoso pra estudar. Aí o pessoal pega e começa a falar. Victor não se preocupa com estudo, não sei o quê, não sei o quê. Aí eu... peguei e saí do grupo logo” (Victor). “Todo dia de manhã minha tia mandava um textinho.” (Luiz). “Eu tenho uma agonia também: ‘esse dia vai ser maravilhoso, compartilhe’. Todo dia colocava isso” (Yuri). “Minha mãe... todo dia ela manda 3, 4” (George). “É horrível. Arrudeia, aí bota uma mensagem. Aí depois: ‘Bom fim de semana!’”. (Luiz).

Os relatos dos jovens sobre as interações apontam que as imagens do “perfil” são importantes para decidir convidar ou aceitar alguém como “amigo”, para que a relação se estreite é preciso identificar ou produzir afinidades.

Minhas amizades são por causa de séries. Eu sou muito viciada em séries. Aí a maioria é pelo Facebook mesmo. Quando publico alguma coisa, aí vão lá e comentam. Aí manda no privado. No Instagram também. Aí as pessoas veem, vão e me chamam. Vão no *direct*, aí conversa... Aí vai fluindo a conversa aí dá o Whatsapp. Aí vai pro Whatsapp... Aí passa a vida toda conversando”. (Ellen).

Os/as jovens relatam que quando se descobre afinidades, as pessoas passam a conversar em uma temporalidade em geral qualificada como superior à estabelecida *offline*. “Se uma pessoa começar a falar comigo (pra interagir nas redes) sobre series entra no poço sem fundo” (Raissa). “É... (risos) se uma pessoa começa a falar sobre música, Rap, Charlie Brown entra num poço sem fundo...” (Tami).

Esse foi um assunto que rendeu muita discussão na Rodas de Conversa: quais as estratégias utilizadas para se aproximar de alguém que se quer ter como amigo ou como fazer o *crush* conversar:

[Tereza comenta] Ou, se o *crush* tá afim, eu estudo na mesma escola que essa pessoa, mas não tenho coragem de ir falar, aí você faz (através das redes *online*): “Oi, boa noite”. Aí: “Oi, boa noite, durma bem”. Daí vai

surgindo, aí surge aquelas brincadeiras do Whatsapp: “Ficaria comigo? num tem?”. [Mina esclarece] Isso são correntes. [Tereza prossegue] É, umas correntes. Mas quando tem isso aí... Escolha um número ou um *emoji*, um número de 1 a 10, com perguntas “ficaria?”, você pensa “porque não fica amanhã” (risos).

“As vezes eu tô conversando com a menina, não tem nada para falar... daí tira uma foto, faz uma expressão, põe uma legenda engraçada, pronto, começa a falar...” (Victor).

Mas, nem sempre o interesse é exclusivamente sexual. Tami comenta: “Meu amigo virtual, ele só tá distante fisicamente. Mas ele é tão próximo, ele é meu melhor amigo... Ele é virtual porque eu nunca vi pessoalmente, mas ele é meu melhor amigo, é tudo” (Tami).

E também existem as estratégias para sair da interação ou demonstrar a falta de interesse: “Mas quando o pirraia¹⁶ tem interesse, você não tem, aí você fica lá tapiando¹⁷, ‘olha, já visse isso aqui?’ Fica querendo cortar assunto... Aí fica falando de outra coisa, outra coisa, até cansar” (Carol).

Para os/as jovens a alteração dos espaços *online* (por exemplo, interações iniciadas pelo Messenger do Facebook para o Whatsapp) tendem a morganar¹⁸ a conversa. Como diz Carol: “Eu odeio quando alguém me pede o Whatsapp. Porque aí tô conversando. Aí, vai lá no Whatsapp, aí fica lá sem conversa. Porque perde o assunto e muda o foco”. “Porque quando a pessoa tá conversando num lugar não pode ir pra outro, se não vai perder o foco” (Nara). “Uma pessoa chega e manda um olhinho. Aí outra pessoa chega e manda outro olhinho. Aí, fica assim” (Tami).

O tempo de resposta na interação causa muita polêmica. Quando a pessoa demora muito em dar a resposta, ou não dá, é um sinal de desinteresse – eles/as chamam isso de *deixar no vácuo*.

Às vezes minha amiga faz isso. Mas quando é um macho que ela fala, num instante responde. Teve uma vez que eu peguei minha amiga, né? Eu peguei... falei com ela no Whatsapp e ela não me respondeu. Aí eu fiquei com raiva dela. Aí, eu fui lá no Face do pirralha que ela gostava, botei a foto dele no meu perfil e liguei pra ela. Eu disse: ô, quenga¹⁹, agora tu me atende, né? (Carol).

O interessante é que nem sempre as interações *online* repercutem de modo semelhante na cena *offline*. Sobre isso Tami conta: “Eu tenho um amigo que

¹⁶ Garoto.

¹⁷ Fingindo que não vê.

¹⁸ Estado de diminuição da excitação ou interesse.

¹⁹ Prostituta.

falo muito, muito com ele. Passa o dia todinho falando com ele no Whatsapp. Nisso o dia todinho, o dia todo. Só quando eu não estou na escola. Aí, quando a gente se viu, a gente não se falou”.

Como é possível notar, as solicitações de amizade são, em grande parte, motivadas por algum tipo de afinidade (filmes, música, séries, etc) capaz de gerar certa curiosidade sobre o conhecimento da pessoa sobre os assuntos, que vão se revelar pelas postagens. No caso do Facebook, muitas pessoas se inscrevem em grupos ou curtem páginas sobre dado assunto, passando a receber os conteúdos postados naqueles espaços. Não é incomum, tanto quanto nos jogos, a interação ali iniciada se estreitar e as pessoas se tornarem amigas, como também já mostramos.

3.2.2 Personagens e roteiros eróticos *online*

No entanto, o que precisa ser sublinhado é que as aproximações estão cheias de segundas intenções, expressas na ideia de *cruch*: alguém que, por seu tipo físico e também seus gostos e estilo de vida, provoca uma “quedinha”, uma vontade de conhecer mais, para, quem sabe, ter algo mais sério. Muitos/as dos/as participantes das Rodas de Conversa afirmaram que tinham ou já tiveram *crush online*. Uma mesma pessoa pode ter vários *crush* ao mesmo tempo – o que usualmente acontece. Do mesmo modo, a maioria dos/as jovens já teve ou tinha à época da pesquisa um namoro à distância, mediado pelas redes.

Paty fala sobre suas interações afetivas *online*. Ela é noiva, o rapaz mora no Ceará. Se encontram *offline* a cada seis meses. Ela diz: “as únicas pessoas que confio de coração: minha amiga que conheci desde que nasci e meu namorado que conheci há três anos, mas tão bem próximos”.

Além do/a *cruch* e do/a namorado/a, outra personagem “sexual” muito comum nas experiências *online* das garotas é a do assediador. Homens que enviam convites e mensagens pelo Facebook, na maior parte, sem nenhuma relação com as redes de amizade *online* ou *offline*. “Tem uma hora que... mais de 150. Dá uma olhada aí... Só véi tarado” (Carol).

Eu excluí o meu (Facebook) por causa disso. Porque um véi chegou. Teve uma vez que um véi chegou pra mim, olhou pra mim e fez: ‘Ei’. E eu não respondi, tá ligada? Aí ele fez: ‘Ei’. Aí eu peguei e fiz: ‘oi’. Por educação, normal. ‘Tu viraria atriz pornô?’ Aí eu: com licença. Aí bloqueei o cara. Eu digo: Sem noção o cara chegar e perguntar algo assim. (Gina).

Um rapaz veio falar comigo e perguntou se eu era book rosa. (...) Só que eu não sabia, né? Book rosa. Sabe o que é book? Que fazem trabalhos (...) como se fossem acompanhantes de empresários. Essas coisas, assim. Book rosa, é pra disfarçar. É como se fosse um ensaio de fotos pra família, mas ela sabe que ela tá se prostituindo. Eu não sabia disso, não. “Você quer me acompanhar?” “Você quer?” “Você quer ser acompanhante universitária?” Aí eu disse: “É?” Aí ele disse: “É”. Eu vou te pagar e você vai me acompanhar. Aí eu peguei e falei pra meu amigo: “um cara veio me pagar pra eu acompanhar ele na universidade”. Aí: “É?”. “É”. (Ele:) “Oxe, eu quero também”. Eu disse: “book rosa”. Ele: “É prostituta. Ele te chamou de prostituta. Só isso...”. Eu peguei e bloqueei ele. Hoje em dia tá demais, menino. (Carol).

A facilidade de acessar os “perfis”, os quais estão repletos de fotos e informações das jovens, e a possibilidade de iniciar uma conversa *inbox*, (longe dos olhares dos outros integrantes da rede) que garante certo anonimato do agressor (que, inclusive, pode usar “perfis” *fakes*) amplifica, dada as facilidade encontradas, aquilo que as mulheres cotidianamente vivem *offline*, numa cultura marcada pelo assédio sexual contra as mulheres (MELO, 2001; SAFFIOTI, 1994).

Há também um quarto personagem dos roteiros sexuais que se assemelharia ao/à ficante da cena *offline*. É quando um/a *crush*, amigo ou desconhecido entra numa brincadeira erótica fortuita, numa forma de parceria que não pode ser qualificada como fixa (namoro) e vai além do interesse (*crush*).

Com namorados/as e ficantes²⁰ *online* é muito comum a reconstituição narrativa/imaginativa de cenas sexuais com a mútua participação dos parceiros que estão conversando, incrementada com o envio de *nudes*.

As pessoas que eu faço isso (mandar *nudes*), já conheço há tempo, já. Agora só faço com minha namorada. Mas, anteriormente, umas amigas vinham conversar comigo da minha rua mesmo. Aí tu: “mostra tu primeiro”. Aí, ela mostrava, aí eu mostrava. (...) Minha mãe tinha computador, aí saía para trabalhar. Aí eu ligava a webcam no MSN com minha amiga. Aí, a webcam feia quadrada, desse tamanho. Aí a gente ficava, aí ficava apostava (fazer *nudes*, se mastubar). Mas quando você faz (sexo) é diferente... (Rodrigo).

Vídeos ou fotos do corpo nu ou partes mais sexualizadas (bunda, pênis, vagina, peito), em geral da própria pessoa. O interesse pelos *nudes* é tão grande que chega a motivar a criação de grupos no Whatsapp:

²⁰ O termo é posto por mim, no desconhecimento de uma categoria nativa.

Eu recebo e mando. Teve um grupo, menos de um mês, dois meses. Me botaram num grupo lá, que o nome era “só *nudes*”. Aí, as meninas de São Paulo mandava. O ruim que tinha muito homem, só aparecia gebra (eles fazem gestos referindo a pênis grande, ainda apelidado também de macaxeira por eles). Era negão, branco, chinês. Nesse grupo eu não mandei (*nudes*), tanta jeba, eu saí do grupo, não baixei²¹. Quando eu sabia que era menina eu baixava na galeria do celular. Eram cinquenta jebas para um priquito, aí saí. (Luiz).

É difícil eu mandar, eu mais recebo. (...) A pessoa espera receber (*nudes*) para motivar, para nós mandar. A menina pede um *nudes* para mim, eu digo “Não tá grande. Por que tu não deixa grande para eu mandar?” Aí ela: “Ta bom”. Aí tira foto. Aí eu: “Poxa!!!” Daí quando fica, (pênis ereto) aí eu: Olha aí... (Luiz).

Os meninos disseram mais receber *nudes* do que enviar, as meninas pouco relatam o envio de *nudes*. Em ambos os grupos, mais entre as meninas que entre os meninos, há como uma resistência em falar em primeira pessoa a respeito. Lembremos que nossa coleta se deu em situação de grupo, onde a moral sexual tende calar as pessoas sobre assuntos que possam degenerar suas imagens. Neste caso, a dupla moral sexual e a valorização da virilidade por meio do colecionar e expor as experiências sexuais desde muito cedo, pode ter facilitado as falas dos rapazes.

3.2.3 O namoro

Os roteiros sexuais relativos ao namoro merecem um segundo aprofundamento. Além de envolverem o erotismo dos *nudes*, que se aliam e incrementam as narrativas (por troca de mensagem e de áudio) que embalam, junto com as automarturbações, o sexo *online*. Mas, como nem só de sexo vive o namoro, a vinculação precisa ser demonstradas *online*.

Com namorada tem que postar foto no Instagram. Expor o relacionamento na rede social. É expor. No momento que eu pego uma foto com a namorada e tem público — tenho mil seguidores — é expor! No Stories (ferramenta do Instagram), tipo, vou ao cinema, aí posto lá a foto que fica 24h. Da parte da namorada tipo, tem foto ela me marca, marca no comentário. (...) Gosto, porque, às vezes, se ela posta foto com um menino, eu já conheço o menino, eu fico meio assim... (Carlos).

A vivência na dimensão dos conflitos das relações *online* foi objeto de acalorada discussão nas Rodas de Conversa, com foco em ciúmes e traições.

²¹ Referindo-se a possibilidade de baixar o conteúdo para o celular.

Tipo, sua namorada é de longe aí você diz, “mô, mostra essa parte aí”, você fica com desejo grande, aí você: “ah eu vou mostrar também”. (...) Você fica fazendo essas coisas daí fica pensando e tal: “Ela tá longe, mas tem uma pessoa perto que quer fazer com você”. Daí você tá com desejo, você vai fazer ela pode descobrir. Mas, depende muito do caso, depende da pessoa. Bom que o Whatsapp e Facebook tem aquela função de vídeo chamada, para se vê e tal... Daí você diz: “Deixa eu ver a cor do teu cabelo, deixa eu ver teu braço, tua perna, tua barriga”... (Luiz).

Rodrigo esclarece que há muitas modalidades ou graus de traição. Para ele a física, da carne, é mais uma entre tantas:

É, tem tipos de traição, existe aquela física da carne, existe também na palavra. Só em eu conversar, tipo, eu namoro, mas só em eu tá conversando com uma menina, com desejo de “vamo marcar para a gente se encontrar”, isso já é traição. Para mim, no meu ponto de vista, já é trair. Porque a traição envolve praticamente o quê? Antes da gente agir, a gente vai pensar, falar, depois, o ato, praticar. (Rodrigo).

E, nessas questões, para os jovens, o mundo que se abre pelo celular teria grande influência.

Até numa foto. Meu cunhado já “dançou” (referência a acabar namoro). Aquela menina bonita comenta minha foto, é um sinal para eu chegar e querer puxar assunto com ela. Com o assunto já vai vir o quê? Ela vai querer conversar bastante “vai, vamo marcar um dia para a gente se ver”. (Carlos).

O cunhado de Carlos “dançou” porque os/as jovens estabelecem uma conexão entre as curtidas em fotos e postagens nas redes e o indicativo de desejo sexual.

Por exemplo, eu tenho várias fotos no Facebook. Aquelas fotos bem antigas, de seis meses atrás, cinco meses atrás. Tu manda um convite para aquela pessoa, ela aceita. Depois tem lá, quatro curtidas naquelas fotos. Aí tem alguma coisa, do nada é que não é. (Carlos).

Luiz ainda complementa:

Aí tem aquele amei (referência às formas de comentários que a rede oferece), ela reagiu. Tem aquele uau. Qualquer reação é algum sinal. Se o homem for curtir (ferramenta do Facebook) a mulher, tem alguma coisa, a mulher também, 90% de sim e 10% de não. (Luiz).

Para o grupo das jovens mulheres da pesquisa, as discussões sobre traição também emergiram. Porém, os questionamentos que trazem, mais do que

envolver seus próprios desejos e possibilidade de traírem, como abordado pelos rapazes, para elas voltam-se para questionar se seus namorados as traem e se os rapazes seriam vulneráveis à traição no meio *online*. Esse tema é levantado enquanto Paty comentava sobre seu relacionamento à distância com seu namorado de Fortaleza (CE). Carol lança a pergunta ao grupo, se elas acham que os namorados delas seriam fiéis. Paty de prontidão responde:

Ah, com certeza. Quem conhece meu namorado sabe. Meu Deus, é na dele. (...) O relacionamento da pessoa acontece quando a pessoa já é amigo. Antes de eu namorar com meu namorado, ele já era meu melhor amigo. Então eu conheço ele há muitos anos e eu sei o que ele fazia e o que ele não fazia. (...) Ele só vivia em casa. Era jogo, trabalho, faculdade. Jogo, trabalho, faculdade. (...) É a vida dele. (Paty).

Em contraponto à fala de Paty, e retomando a pergunta feita ao grupo, Carol comenta:

Hoje em dia, você não tem mais nenhum amigo homem que ele já quer, tipo... Começou a conversar e tal e o papo vai fluir. Porque ele (um amigo) não tinha maldade de me pegar, pelo fato da namorada dele ser muito gata. E tipo, ele estuda a semana todinha e o final de semana e tal. E a gente marcou de se ver e tal. Aí a gente se viu. Aí começou a conversar. Aí depois ele veio com umas conversas, tipo, querendo ficar comigo e a namorada dele ao mesmo tempo. Aí, por isso, que eu perguntei se vocês tinham certeza que vocês confiam no namorado de vocês. Porque ele sempre, quando eu via final de semana, ele excluía a conversa. Isso é errado. Vai lá e não tem como mandar mensagem, tá ligado? É tipo bloquear. Por isso que falei isso. É desconfiar porque de encontro, fazem isso. Excluía a conversa. (...) Aí, depois ele passou: não fale comigo porque eu tô indo pra casa da minha namorada. Não fale. Daí a gente ficou se falando assim, meio de tarde. (...) Por isso que eu não confio em ninguém. Tampouco em homem. (Carol).

Ao se deparar com a fala de Carol, Laura também expõe situação parecida com um diferencial de apresentar vivências de uma relação abusiva:

Isso aconteceu comigo também. Quando eu conheci um menino no Face e, tipo, ele veio falar comigo e começou a conversar. E ele tinha acabado um relacionamento. Só que ele nunca foi sincero comigo de falar, tá ligado? Aí, tipo, tinha uma menina que era louca por ele. E ela, a gente virou amiga, né? Ela pegou e me procurou no Facebook e me achou. E, tipo, ele disse que ele gostava dela. Só que ele não tinha me dito nada, porque ele tava comigo pra esquecer a ex. Aí, ela me adicionou e começou a falar um mói de coisa que eu não sabia, que era amiga da ex dele, que ele ainda era apaixonado por ela. E, tipo, ela não conseguiu separar a gente. Porque pelo fato dela ter dito aquilo, eu perguntei e ele disse que era tudo (verdade?). Aí, tipo, a gente pegou e morgou e tal. Ele morgou comigo, mas foi pelo simples fato de que ele era muito ciumento. Aí, se ele visse um menino comentando minha foto, ele dizia: "cuidado que é de verdade e tal". Aí chegou a me esculhambar, a brigar... me chamar de um mói de coisa. Horrível! No começo, pô... Nossa! Que menino carinhoso. Depois começou

a ficar doido assim. Aí, tipo, ele morgou comigo, aí, tipo, eu sempre ficava babando, ficava implorando. Aí depois eu disse: não. Morgou, morgou. (Laura).

3.3 SI MESMO, CURTIDAS E EROTICIDADE

As cenas narradas pelos/as jovens permitiram reconstruir roteiros de relacionamentos afetivo-sexuais próprios do universo *online*. Tivemos contatos com os ritos dos múltiplos apaixonamentos na figura dos *crush*, grande mobilizador para a ampliação das amizades *online*. Pudemos compreender como se dá o namoro virtual, que parece amplificar o medo feminino em relação à dupla moral sexual, que libera e impulsiona os homens para a infidelidade, assunto recorrente em etnografias sobre a sexualidade feminina, como nos trabalhos de (FERRARI PIZZATO, 2010; RIBEIRO, 2012; VIEIRA, 2013).

Nesse contexto, as curtidas assumem um lugar chave na paquera *online*, e, portanto, na demonstração e descoberta da infidelidade. Como já descrevemos, as curtidas, em suas muitas modalidades emocionais (gostar, amar, se surpreender, entristecer e odiar) são o principal modo de se posicionar frente às postagens que vão compor o “perfil”, tomado aqui como uma expressão *online*, pública, do si mesmo: a apresentação, mais ou menos intencional, que uma pessoa produz com as postagens na rede de relacionamentos *online*.

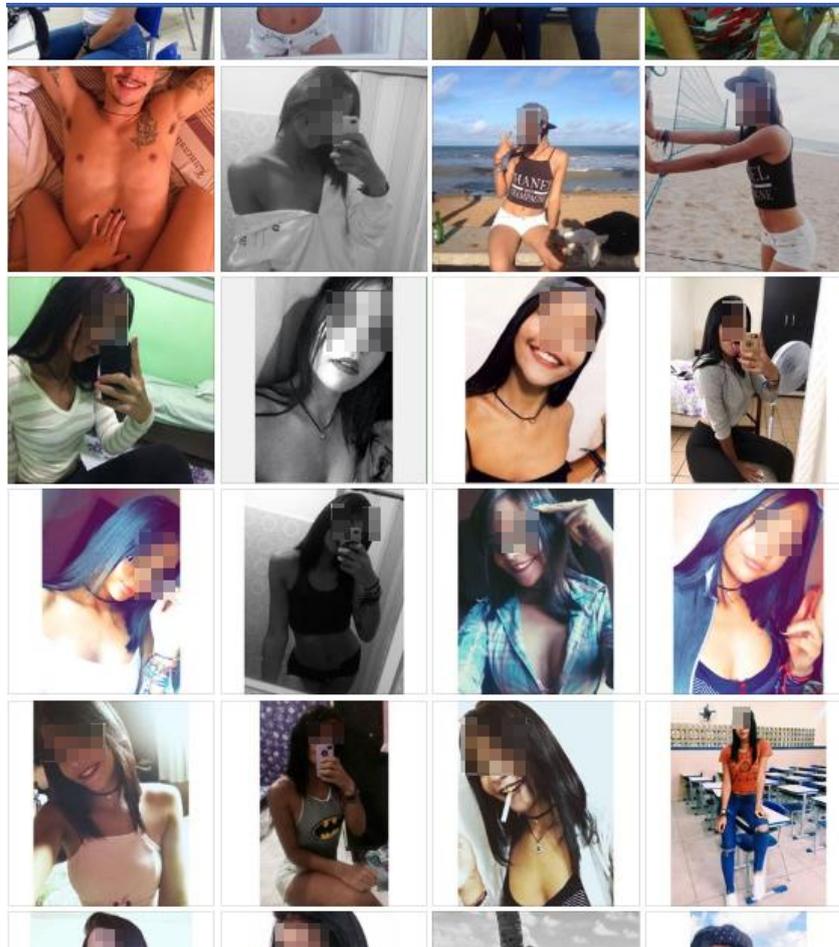
Durante as Rodas de conversa em vários momentos, os/as jovens trazem a relação postar versus curtir. Comentam sobre aquelas postagens que trouxeram mais curtidas ou brincadeiras que fazem nas redes, aguardando as pessoas curtirem ou comentarem suas publicações.

Postei para chegar em 100 curtidas e 150 comentários. Daí vou pintar o cabelo de platinado. Pensei mais que não ia dar certo. Aí teve pessoas que eu nem conheço, algumas sim, mas outras não. Foi no Face e curtii. Aí eu fiquei meio... Tipo.. eu... vejo... a pessoa na rua. Aí, tipo... mal fala comigo... Não só... O lado dele. Mas me acompanha e curtii. Aí eu pensei que não ia chegar, não. Foi mais uma brincadeira. Vamos dizer aqui, um desafio. Porque, tipo, eu pensei que não ia chegar. E chegou. Porque eu fiz uma mesma coisa ano passado pra ver, aí não chegou. Chegou na metade. (Paulo)

O que a narrativa de Paulo nos revela é trabalho empreendido para o alcance das curtidas. Observando os mosaicos de fotos do *Face* (conferir, para exemplo, a figura 2) pude perceber que, usualmente, as imagens mais curtidas são aquelas em que o celular está posicionado com a câmera virada para o próprio

fotógrafo. Inclusive a popularidade desse tipo de foto é tamanha que, na atualidade, a maioria dos aparelhos celulares têm duas câmaras. Nessa modalidade fotográfica a cena principal é o corpo ou a face do sujeito. Esse tipo de foto, em que o fotógrafo aparece na imagem, é denominada *selfie*.

Figura 2: Mosaico de fotos do Facebook



Fonte: Página de Facebook de uma das interlocutoras da pesquisa

São justamente essas modalidades de foto as mais curtidas. Em especial, as que o sujeito aparece sozinho, produzido por meios de roupas, acessórios e maquiagens, exibindo algum tipo de bem difícil de ser alcançado (ostentação), sinalizando a beleza e sensualidade dos padrões sociais hegemônicos. Fotos em viagens, com parceiro/a amoroso/a ou em grupos de amigos também são muito valorizadas. Essa produção de uma imagem de si, cuja selfie seria o principal modelo, mas que incluem também *posts* verbais e os compartilhamentos de imagens de terceiros, os quais acenam para os gostos pessoais, remetem para erotização com fins de produzir desejabilidade. Assim, a produção do “perfil”/si

mesmo, por meio de instantâneos feitos pelo celular e manipulados intencionalmente pelos indivíduos, torna-se fruto e motor das interações (curtidas, comentários e compartilhamentos). Eles produzem e dinamizam a instigante vida *online* povoada por *crush*, paqueras, ciúmes, sexo e traição.

Um fato interessante foi a pouca presença discursiva dos aplicativos de busca de parceiros na Internet. Os aplicativos e *sites* de busca de parceiros são recorrentes na literatura sobre homosociabilidade *online* e remetem à possibilidade de encontrar parceiros para transas descompromissadas (parcerias casuais), e também estaria relacionada à busca pelo anonimato nas interações, dado o estigma em relação à homossexualidade, e muitas vezes são mediadas por “perfis” *fakes* (RIOS, 2018). Embora conhecidos dos/as jovens e apesar de alguns/as já terem feito uso do *Tinder*, não foram objetos de maiores discussões ou tiveram relevância nos enredos sexuais narrados. Na minha interpretação, no caso dos jovens, autoidentificados como heterossexuais, não haveria a necessidade de buscar alternativas mais “discretas” (RIOS, 2018) para experienciarem a sexualidade. A maior parte das cenas de paquera se passa nos espaços compartilhados do Face e Instagram. Em alguns momentos, o *inbox* e o *Whatsapp* funcionam como uma mesa de canto de bar, um cantinho escuro de terraço, onde conversas íntimas são experimentadas. Também podem funcionar como um quarto de casa ou de motel onde a intimidade e a eroticidade do momento, nas trocas de narrativas e imagens, podem dar passagem às práticas sexuais onde os órgãos do prazer são manipulados em busca do gozo sexual.

4 SEXUALIDADE NA JUVENTUDE: um olhar a partir da escola

Este capítulo foi inicialmente pensado como o primeiro capítulo de resultados e discussões, uma vez que, a partir da lógica do senso comum, primeiro as interações aconteceriam na dimensão *offline* de existência e depois as pessoas teriam acesso ao “outro mundo”, a dimensão *online*. No entanto, na própria escrita da tese, fui me dando conta de que as duas dimensões estão imbricadas no cotidiano dos/as jovens e que, para facilitar o entendimento, seria melhor iniciar apresentado as categorias e processos que constituem a vida *online*, para então retomá-las nos modos como interferem e mesmo constitui processos na dimensão *offline*.

Na minha exposição recorrerei a duas outras pesquisas etnográficas, por mim realizadas, de modo a ajudar a “fazer falarem” os dados. A primeira, já apresentada em linhas gerais na introdução desta tese, tratou da organização da sexualidade de crianças de ambos os sexos, estudantes de uma escola de Ensino Fundamental no município de Cabo de Santo Agostinho, Região Metropolitana do Recife (QUEIROZ, 2013). Colocar em paralelo as duas pesquisas foi inevitável e se deu ao longo do próprio trabalho de campo. De modo mais amplo, como eu havia experimentado a dinâmica de uma escola de Ensino Fundamental, era constante a comparação com a dinâmica que experimentava no novo contexto.

Além disso, eu tentava usar das estratégias que utilizei na pesquisa anterior para formar vínculos com os/as jovens (nem sempre de forma exitosa). Esse movimento, sobretudo quando os resultados das estratégias não eram os esperados me levavam a refletir sobre os motivos, e me direcionava para novas compreensões e experimentações. Do mesmo modo, as construções analíticas que eu formulei com as crianças, de certa forma eram utilizadas como tipos ideais, no sentido dado por Weber (1997): hipóteses pragmáticas que, na maioria das vezes, não tinham a intenção de serem corroboradas, mas serviam para tensionar o campo.

A segunda pesquisa datou de 2009 e foi realizada na periferia do Recife, em um bairro que dei o nome fictício de Alto Paraíso (QUEIROZ e RIOS, 2003). Ela tratou da construção da sexualidade de mulheres jovens (16 a 20 anos) investigando as biografias sexuais de seis mulheres e o contexto no qual interagem. Nesse último caso, acessar as mulheres jovens em suas comunidades nos permitiu pôr em perspectiva as narrativas e práticas que ouvimos e observamos no contexto escolar.

Já discutimos no capítulo anterior sobre os jogos de posicionamento identitário (HALL, 2003) que se realizam quando as pessoas constroem suas imagens de si, ao se apresentarem por meio de “perfis” nas redes *online*. Nessa linha, também é preciso considerar que há diferenças em falar da sexualidade a depender do contexto onde se é interpelado.

Os teóricos da etnografia têm apontado que a comparação é implícita ou explicitamente parte do método. Sugerem que, ainda que não delimitemos explicitamente um contexto para comparação, a nossa própria rede de símbolos e significados serviria como contraponto. Para se afastar da perspectiva etnocêntrica rumo a compreensão etnográfica, torna-se necessário a realização de estranhamentos que possibilitam tornar familiar o que parecia exótico (PEIRANO, 1995; OLIVEIRA, 1996; DAMATTA, 1978).

Esse capítulo está organizado de modo que iniciarei retomando as primeiras experiências sexuais das/os jovens na infância, o que também servirá de contraponto para refletir sobre as experiências sexuais na própria juventude. Na sequência, abordarei o contexto escolar, comparando o observado no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Finalmente, retomarei as conexões entre as dimensões *online* e *offline* e como constituem as experiências sexuais dos/as jovens.

4.1 INICIAÇÃO SEXUAL

Se os inquéritos comportamentais tendem a localizar a idade de iniciação sexual por volta dos 14 anos (BRASIL, 2011; PAIVA *et al*, 2008; PAIVA *et al*, 2011), nosso estudo corrobora com um conjunto de estudos qualitativos que apontam para a existência de experiências sexuais na infância (PARKER, 1991; HERDT, 2000; RIBEIRO, 2003; RIOS, 2003, 2004), como também identificamos nas duas pesquisas que realizei, acima mencionadas (QUEIROZ e RIOS, 2013; QUEIROZ, 2013).

De beijinho, brincava de quatro para cinco anos. Fiquei segurando a mão dela, trocar beijo. Mas a gente era muito pequeno. Ela foi minha par de formatura de abc, foi namoro. Até hoje a gente lembra e fica rindo. Sete anos aí ficava do nada, ai tava lá conversando ai pruu (referindo a beijar e se tocarem) (Luiz).

Como na narrativa de Dario, essas experiências assumem o sentido de brincadeiras, tendo o caráter sexual muitas vezes minimizado.

Brincar de médico é tipo, você finge que ele e ela é casado, e tem os filhos pequenos também. Daí as bonecas é os filhos. Aí você diz já tá de noite, só que ainda é de dia. Aí, deita com ela fica fazendo as brincadeiras lá (referência ao sarro em gestos e risos). (Rodrigo).

Como na cena narrada por Rodrigo, que gerou muitos risos durante a Rodas de Conversa, as interações sexuais na infância eram interpretadas como brincadeiras e contadas em tom de humor. Na minha interpretação, qualificar como brincadeira e dar o tom humorado ajudam a despotencializar (mas não completamente) o caráter de produzir prazer sexual que caracterizava essas interações na infância. Talvez um modo de manter uma ideia de que o que ocorre na infância não é propriamente sexualidade, de modo a manter-se em certa sintonia com a moral sexual hegemônica. Rios (2004) também identificou brincadeiras sexuais na infância em sua pesquisa com jovens homossexuais do Rio de Janeiro e associa a invisibilidade dessas experiências, nas discussões científicas e nas narrativas²², a um certo medo de que pesquisadores e pesquisados sejam percebidos como perversos.

Nas conversas com as crianças identifiquei outras brincadeiras, além de brincar de médico ou família (QUEIROZ, 2013). Eram comuns brincadeiras onde o “pagamento” por perder algum jogo era realizar algo de cunho sexual. Cenas que os/as jovens também lembraram nas Rodas de conversa.

Menino, eu ia para casa de uma amiga. Ela levava mais duas amigas, dois primos meus ia. Ai jogava dominó. Aí menino contra menina, quem ganhasse tinha que beijar. Menino brincando de garrafa (jogo verdade ou consequência). (Luiz).

Na medida em que as idades avançavam, as experiências se multiplicavam e tendiam para o sexo penetrativo. Cenas sexuais que, em geral, são percebidas como a “primeira vez”:

Com doze anos, tinha um parquinho aí atrás (do centro esportivo na proximidade da escola). Teve uma baladinha. Aí fiquei com ela lá embaixo de

²² Ele lembra que, se não se pergunta adequadamente sobre essas experiências, elas não têm condições de se expressar. Muitas vezes a questão é que as pessoas não significam as experiências sexuais na infância como primeira vez, guardando para elas o sentido de brincadeiras (RIOS, 2004).

um pé de jambo (árvore). Aí, foi subindo uma quentura e aí aconteceu, ali no cantinho, tá ligado? (Carlos).

É estranho a primeira vez, é para botar dentro. Aí ela “vai, menino”. Aí você: “como bota?”. Aí ela informa a você. Aí você: “Oxe! Tá bom aqui”. Aí ela: “Menino, tu quer engravidar é?”. Tipo onze anos, eu nem sabia o que era isso. Aí depois você fazendo, aí você: “Ah, é assim que era para fazer” (risos) (Luiz).

Apesar de ainda ser escassa a literatura que aborda a sexualidade infantil, nos trabalhos disponíveis é recorrente a menção das modalidades de brincadeiras acima elencadas, apontando que não são exclusivas dos jovens do Instituto Paulo Freire, mas são experienciadas pelas crianças mais amplamente (RIOS, 2004, RIBEIRO, 2003; QUEIROZ, 2013; QUEIROZ e RIOS, 2013).

Convém mencionar que, se esse tema teve uma forte reverberação na Roda de Conversa com os garotos, o mesmo não aconteceu com a Roda de Conversa com as jovens. No entanto, isso não quer dizer que as meninas não vivenciem experiências sexuais na infância. Observem que meninas sempre aparecem como coadjuvantes das interações nas cenas acima transcritas. Do mesmo modo, pude escutar em situação de entrevista, na pesquisa no Alto Paraíso (QUEIROZ e RIOS, 2003) as meninas serem narradas como protagonistas dessas brincadeiras.

Queremos também sublinhar que não se pode compreender as experiências sexuais na infância como anomalias. Do mesmo modo no que se refere a outras dimensões humanas, é na infância e por meio da brincadeira que crianças vão incorporando as normas de sexualidade, incluindo aí os roteiros de práticas (SIMON, GAGNON, 1999). As múltiplas questões envoltas nas experiências sexuais estão em constante apresentação na sociedade e elas serão brincadas pelas crianças.

O beijo na boca visto em casa, na rua, na TV, ainda que interdito às crianças quando realizam na frente dos adultos, também são objeto das brincadeiras que acontecem longe dos olhos daqueles.

A ideia de que papai e mamãe cuidam da saúde de seus filhos, mas realizam, no cair da noite “brincadeiras” prazerosas em suas camas, expressa na narrativa de Rodrigo, é parte da experiência cotidiana de boa parte das crianças.

Ainda que nem todos/as saibam o que se passa quando os pais se trancam “entre quatro paredes”, na própria brincadeira das crianças essa cena é reatualizada e a aprendizagem pode acontecer.

Convém destacar que a própria interação sexual penetrativa é objeto de aprendizagem, como relatam Carlos e Luiz. Nessas brincadeiras o/a mais experiente ensina ao/à novato/a o que se deve fazer com os sexos (RIOS, 2004). Mas a aprendizagem desses roteiros também pode existir sem experiências de maior intimidade corporal com outras pessoas. Vi isso acontecer por meio dos compartilhamentos de arquivos de cunho sexual via celular entre os estudantes de Ensino Fundamental (QUEIROZ, 2013).

Ainda que não seja objeto desta tese, não posso deixar de mencionar que essas crianças estão quase sempre descobrindo a sexualidade entre pares (ou, não raro, em situação de abuso), sem informações qualificadas para se proteger das IST, gravidez e violência sexual, dada a moralidade que impede de vê-las como sujeitos sexuais e dificulta a educação sexual na infância (RIOS, 2003, 2004).

Voltando ao meu contexto de investigação, o que é importante sublinhar é que, na juventude pesquisada, a sexualidade é algo que, para a grande maioria, já foi descoberta, não é mais uma experiência que estão descobrindo. Como apontam os relatos, sua descoberta aconteceu na infância. Não quero dizer que todos/as os jovens com quem falamos tenham tido experiências sexuais penetrativas. Muitos/as não as tiveram. Mas, ao menos discursivamente, a temática da sexualidade não é uma novidade para nenhum/a deles/as. Do passado ao presente, vejamos como se atualizam as experiências sexuais *offline* dos/as jovens participantes da pesquisa.

4.2 A SEXUALIDADE NA ESCOLA

Vale voltar a sublinhar que meu foco nas observações foi na dinâmica do pátio. Não observei o que ocorria nas salas de aula, exceto nas aulas de Educação Física. Sabia, entretanto, que, de acordo com a composição do currículo escolar, as aulas eram majoritariamente compostas pelas disciplinas Português e Matemática. Conforme os relatos dos/as alunos, essas matérias não traziam transversalmente conteúdos sobre sexualidade. Eram mais focadas nos conteúdos que seriam avaliados pelo Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

Resolvi assistir algumas aulas de Educação Física, pois havia notado que no Ensino Fundamental elas me permitiam atualizar algumas cenas que podem ser qualificadas como erotizadas. Também pude observar as conversas no pátio e movimentação dos alunos durante o deslocamento para o local dessas aulas. Eles relatavam uma preferência por essas aulas e demonstravam grande mobilização na formação de times e na escolha das atividades da aula (queimado, vôlei, futebol).

Curiosamente, comparando a escola de Ensino Fundamental com a escola de Ensino Médio, vi rarearem as cenas que podiam ser percebidas como eróticas ou sexuais, na presente pesquisa. Na introdução desta tese, mencionei que o corredor da escola de Ensino Fundamental era um lugar propício para o desfile em busca dos olhares desejanter, em produções corporais que buscavam seduzir os/as colegas por meio da reorganização de roupas, utilização de acessórios e, no caso das meninas, de maquiagem. Do mesmo modo, mencionei que atrás da escola era o cenário ideal para a realização de brincadeiras de maior proximidade corporal com sentidos erotizados (QUEIROZ, 2013).

4.2.1 Conversas

O contexto da escola de Ensino Médio, num primeiro olhar, e se comparado com a de Ensino Fundamental, me pareceu bastante dessexualizado. Não via gente se jogando na grama, não via arrumações e desfiles, não via os corpos abraçando outros corpos.

Mas fui percebendo outras formas de a sexualidade se expressar no ambiente escolar. Fui percebendo que havia, sim, sexualidade no ar. Mas as marcações, os roteiros e enredos eram de outras ordens, até porque o que é exigível a uma criança difere do que é exigível a um/a jovem.

Observei que, se havia uma quase ausência de brincadeiras corporais no tempo livre (os intervalos), também identifiquei uma grande valorização das interações verbais. Conversas que aconteciam próximas aos bebedouros, localizados no pátio.

Como mostrei no capítulo anterior, havia sempre alguém que saia para beber água e logo a área próxima aos bebedouros começava a ser tomada por jovens que aguardavam a “sua vez”. Enquanto isso, as conversas, em pequenos grupos de pessoas afins, tomavam conta do ambiente. O mesmo acontecia nos

intervalos ou na chegada e saída da escola. Quase sempre um celular, ou mais, se interpunha nas conversas “trazendo notícias do lado de lá”. Os temas preferidos das conversas eram música, futebol, os/as *crush* e as pessoas que se está pegando.

As aulas de educação física também apareciam como tema das conversas. Sua importância foi reiterada discursivamente durante as Rodas de conversa. Victor diz nessas aulas “a gente sai ali da rotina de tá escrevendo, para fazer uma atividade física, jogar bola...”. Luiz relembra vivências das aulas de educação física em idades anteriores, relacionando a teor de sexualidade que ela possibilitava. Ele comenta que curti, especialmente na escola anterior, pois lá tinha um primeiro andar, as aulas às vezes aconteciam lá, e ele ficava embaixo na escola aguardando na escada as meninas passarem: “Aí passava e passava a mão, eu deixava a mão quando ia passar”.

De certo modo, também no Ensino Médio, a eroticidade parece permear as interações, ainda que, de modo geral, haja uma maior restrição em relação aos contatos corporais. No pátio da escola, e em especial nas aulas de educação física, notei que havia um prazer em ver os corpos em cena. Nas aulas, era o momento em que os trajés utilizados permitiam uma maior expressão de partes do corpo mais valorizadas eroticamente. Um momento de muito suor e de provocação de desejo – de certa forma, assumia o lugar dos desfiles que observei ocorrer na escola de Ensino Fundamental.

4.2.2 Sedução e tentativas de transgressão

Na medida em que fui me enturmando, fui percebendo interações sexualizadas próprias a esse contexto escolar. Além das paqueras e jogos de sedução entre pares, me chamaram atenção certas interações que envolviam atração entre professores/as e aluno/as. Era comum escutar os/as jovens comentando no pátio sobre professoras que curtem e com quem, se tivessem chance, “ficariam”.

Um enredo me chamou especial atenção. Era um grupo misto de três rapazes e três moças, em orientação para uma feira de ciências. Observei que na maior parte dos encontros, uma das alunas ficava mais tempo com um professor, mesmo após a finalização da orientação e o grupo se dispersar. A aluna demonstrava pela gestualidade o interesse erótico pelo professor. Enquanto

debatiam, ela jogava o cabelo de um lado para outro, em uma temporalidade quase cronometrada. Seus olhos pareciam fechar-se quando o fitava diretamente, momentos mesmo em que falava mais lentamente. Também finalizava suas questões com apertos na lateral dos lábios.

O interlocutor, de aproximadamente 40 anos, participava da cena dando prosseguimento à orientação, embora ela já tivesse se encerrado quando liberava o grupo. Do mesmo modo, algumas vezes ele retirou apenas a referida aluna de sala de aula para dar orientação. Não obstante, em relação a esse par, a cena de sedução não parecia ir além do contexto escolar, não ouvi qualquer comentário sobre a existência de “algo” (sexual) entre os dois. Na verdade, esse enredo poderia ter passado despercebido para um/a observador/a menos preocupado/a com questões sexuais. Se o trago como exemplo é para chamar atenção de que a erotização tinha possibilidade de se instaurar na escola e não estava circunscrita aos coetários, como nas cenas observadas na escola de Ensino Fundamental.

Ainda que menores de 18 anos não possuam, legalmente, capacidade de consentir sobre interações sexuais, isso não impedia que os jogos de sedução e tentativas de interação sexual acontecessem. Sobre isso, é preciso que traga para discussão uma “saia justa” que experimentei ao longo da pesquisa. Eu me vi colocada na posição de alguém que exerce atração sexual. Ao longo das observações percebi o olhar constante de um de meus interlocutores (vale dizer, considerado pelos colegas como o mais atraente, engraçado, popular e, portanto, *pegador*²³) em minha direção. Algumas vezes cheguei a ficar desconcertada. Isso também aconteceu nas Rodas de conversa. Durante as rodas, eu pegava os contatos dos/as jovens, ocasião em que incluía os participantes na minha rede de Whatsapp. Incluso na minha rede, ambiente de maior privacidade, ele faz insinuações de teor sexual em mensagens privadas. O jovem enviou mensagens dizendo que eu teria seios bonitos, entre outros comentários. Esse fato me fez delimitar mais fortemente meu papel ali na escola, e explicitar ao aluno quais os limites das interações.

²³ Colecionador de experiências sexuais exitosas.

4.2.3 As personagens e os jogos de cena

Convém também ressaltar que as estilizações corporais por meio de acessórios, roupas, cortes de cabelo, maquiagem e rearmadura do fardamento, que apontavam para identificações (erotizadas) com *top models*, *DJs*, *rapers* e jogadores de futebol, comuns nas observações do Ensino Fundamental, tenderam a não ser tão facilmente percebidas no Ensino Médio.

Ao longo do trabalho de campo fui compreendendo que parecia haver certa inversão em relação aos lugares de exibição das personagens. Comparando os dois contextos, no Ensino Fundamental, as figurações (no sentido de preparar a personagem para a cena) e encenações aconteciam no interior da escola. Na escola de Ensino Médio, havia maior presença da uniformização (não investiguei como isso poderia ter a ver com as regras da própria escola) no contexto escolar. No entanto, havia toda uma recomposição de “guarda-roupa” (ainda usando a metáfora do teatro) quanto os/as jovens saíam da escola, seja a saída da escola para a dimensão *offline* das ruas, seja para ingressarem, de dentro da escola, no universo *online*.

Na minha interpretação, essa mudança na performance na escola pode ter uma dupla influência. A primeira diz da questão dos espaços de circulação possíveis para crianças e para jovens. Para as crianças, o principal contexto de interação, depois de suas residências, é a escola, que pode concorrer ou não com a vizinhança de suas moradias. É na escola onde estão mais distantes do olhar dos pais, ainda que continuem reguladas por adultos. Muitas crianças e jovens relataram que as experiências sexuais na infância tiveram lugar na vizinhança, mas nossa presença na escola permitiu ver que elas ali também erotizam espaços, corpos e brincadeiras, ainda que não tenhamos visto ou escutado sobre interações sexuais penetrativas ocorrendo na escola. Quero sublinhar: a escola parece ser, para as crianças, um cenário propício para o exercício da eroticidade, até pelas restrições de trânsito por outros espaços.

Como observado por Rios (2004 e 2008), para os/as jovens os cenários de interação se multiplicam. Da casa, vizinhança e escola eles passam a circular mais amplamente pelos bairros e cidades da Região Metropolitana do Recife (cf. também QUEIROZ e RIOS, 2013). Agregam-se como elementos que podem contribuir para a diferença identificada as restrições de contato físico entre as

peças, que na infância tinha o sentido de elementos de brincadeira, e uma maior presença do uso do fardamento adequado para estar na escola. O fato é que a escola, como *locus* para o exercício da eroticidade, passa a ter concorrentes: shoppings, cinemas, praia, marco zero do centro do Recife, shows, festas e todo o universo que se abre com o ingresso na WWW via o já tão discutido celular.

4.3 OFFLINE / ONLINE: A IMBRICAÇÃO DOS CONTEXTOS E A SEXUALIDADE

4.3.1 Ainda sobre o que produz desejo

Assim, vale dizer que, em meio às conversas no pátio, onde o falar sobre *crush* é quase sempre um dos assuntos preferidos, há sempre oportunidades para entrar, ainda que muito rapidamente, na dimensão *online*. Momentos precedidos por jogos de figurino. Acessórios, maquiagens, cenários são cuidadosamente agenciados para a construção de imagens desejáveis do si mesmo, merecedoras de muitas curtidas e, certamente, possibilitadoras de fazer a pessoa se tornar *crush* de outros/as jovens. Nesses momentos fortuitos e recorrentes, as *top models*, os *rappers* e os jogadores de futebol, personagens da desejabilidade, são reeditados e ganham expressão na cena *online*.

Você posta uma foto bem linda lá, maquiada. Aí ele vai ver. Aí depois apaga, quem viu, já viu. (Raissa)

A gente se sente até um pouquinho melhorzinha, né? (Tami).

É. Porque a gente sente que alguém acha a gente bonita. (Ellen).

A última vez que eu postei... A última foto que eu postei foi pro meu *crush*. (Nara).

Para os meninos, ser atraente tem a ver com beleza, humor e popularidade — este último atributo pensado como resultante dos outros dois. Numa discussão sobre o que faz alguém ser atraente, Carlos comenta sobre Luiz, um exemplo de pessoa popular:

Onde Luiz chega, Luiz conhece gente. É sério. (Carlos).

Luiz, na favela onde ele mora, do começo ao fim, Luiz fala com todo mundo. Conhece o pessoal ali todinho. (Paulo).

Sei não. Diz assim: ahhh... você é famosinho. Acha mais fácil de pegar mulher. Se acha demais, se acha que é o tal. Pra mim é a mesma coisa.

Pra mim é difícil... Namorada, é difícil ter. Se mudar vai ser bom demais. (Luiz).

Eu tô falando a você. Se ele hoje. Eu dou uma semana pra ele ficar com essa menina. Ele é bonito. Aí por Luiz ser bonito, por Luiz ser tabacudo²⁴, saber chegar. Saber chegar e entrar e sair. Porque Luiz sabe chegar, sabe sair. Quando ele foi lá em casa. Minha mãe gostou dele porque ele chegou brincando, chegou chamando minha mãe de tia: Tia, meu amor, não sei o que. Isso. Mas isso vai chamando a atenção das pessoas. (Carlos).

Ou você é meio palhaço ou você é bonito. A primeira coisa é ser bonito pra ser atraente. (Yuri).

Essas características também produziram atração na dimensão *online*. No entanto, para algumas das moças, o caráter e gosto também entrariam como elemento de desejabilidade.

Primeiramente, o que chama a atenção de todo mundo, por mais que tu diga... é a beleza. É a foto. Porque a foto... (Carol).

Discordo. Discordo. Discordo. O que chama atenção é o caráter da pessoa. A questão aí é quando conversa. Nas publicações, as frases que ele publica. As músicas que ele escuta, o jeito que ele expressa. (Tami).

Ele pode ser de qualquer jeito. Pode tá de cabeça pra baixo no perfil. Se ele tiver lá: Lucas do CBJR, eu digo: pronto. Olha o meu *crush* aqui, ó. Adiciono e ainda vou lá chamar: “oi? Tudo bom? CBJR, né? E aí?” (Tami).

Primeiramente, obviamente, é a beleza. Porque eu vou atrás do menino. (...) Mas eu considero isso hipocrisia. Porque a gente não quer que venham atrás da gente pela beleza. A gente quer que venha por quem a gente é. E a gente tá procurando alguém por beleza? (...) Ser galeroso e tal. Eu não vou. Sinto muito, cara. Eu vou adicionar homem feio. Um pouco que consiga escrever certo, primeiramente. Que tenha um jeito de se vestir a caráter. Não julgando roupa, porque roupa não define ninguém. Mas é pelo tipo de... Porque tem um monte de menino que tem foto de maloqueiro²⁵. (Carol).

Pude perceber que, na medida que os atores circulam entre lugares *online* e *offline*, que transitam de um espaço a outro, são reconhecidos, dando possibilidade de ampliar as interações. A culminância dessas interações se dá quando há reconhecimento de alguém de quem se é “amigo” ou “seguidor” *online* em uma festa.

Porque se eu conheço uma menina. Aí, uma amiga dela se interessa. Aí começa a sinalização: isso e aquilo... Aí eu vejo numa festa, que não curtiu, pra depois curtir. Aí depois começa a chegar a mais, a me adicionar. Aí, isso vai criando, é o famoso fortifica. Ela tem o quê? Trezentas curtidas, quatrocentos. Até seiscentos, ela tem. E tipo, ela é conhecida por várias

²⁴ No sentido pouco usual de inocente e engraçado. Em geral é utilizado no sentido de alguém que não conhece e faz coisas erradas.

²⁵ Marginal.

peessoas. Metade dos meus amigos, ela conhece. Aí metade dos meus amigos, dela. Porque tipo, ela é famosa só na rede social. Tipo, se ela for numa festa. Metade daquele povo que curtiu fala com ela e outros, não. Porque tipo, acha intrometida, isso, isso. Mas eu acho um modo de admiração à pessoa. Por isso que curte, por isso que comenta. E dá um elogio. (Luiz).

Esse fragmento da narrativa de Luiz na situação de Rodas de Conversa permite retomar a importância dos amigos virtuais e curtidas na erotização da imagem de si *online*, e como ela é capaz de se atualizar na cena *offline*. Implícito, como um elemento favorável para que o interesse se intensifique, está o fato de a pessoa conhecer pessoas conhecidas. A narrativa também aponta tanto para o reconhecimento de alguém que estava *online* na cena *offline* como para a possibilidade de ver alguém e procurar por ela nas redes sociais da Internet. Temos então o que Luiz qualifica como *fortificar*, que pode ser interpretado como um conjunto de forças capazes de produzir um interesse afetivo-sexual por alguém.

4.3.2 Sexo livre

Nessa interface *online/offline*, a eroticidade apareceu em formas dos *nudes*, comentado no capítulo anterior. Na medida em que o *nudes* aumentam os níveis de intimidade e a produção de desejos e prazeres, podem assumir o sentido de “preliminares”, não apenas nas interações *online*, mas mobilizar os atores para práticas sexuais *offline*.

Mas o debate sobre sexualidade entre as meninas inclui questionamentos sobre o imediatismo do conhecer e passar ao sexo:

Hoje os meninos não querem ficar com você, querem logo transar com você. “Vem aqui em casa assistir um filme”, chega lá, cadê o filme? Não tem filme. Ou, então, “Bora no cinema!”, aí fica na sala do pior filme, porque não tem ninguém na sessão. Aí você fica tensa: “nossa, só quer transar”. (Carol).

É, ou dizem, “Oi, oi, é virgem?” “E aí, vamo fechar?” (Tami).

Essas impressões de Carol e Tami encontram sintonia nas respostas dos meninos sobre o que produz interesse sexual numa garota. A beleza, humor e popularidade são atributos mais gerais (inclusive o exemplo para a questão foi o de um homem). Curiosamente a não virgindade, ao lado de estar preparada para o sexo — “as meninas teriam que estar raspadinhas, por higiene” (*sic*) —, um forte elemento de produção de desejo.

Ser virgem é palavra de gozação. É meio que um preconceito: não ser virgem é como se fosse um orgulho. Assim como é raro ver uma menina virgem. (Luiz).

Toda uma literatura sobre sexualidade feminina tem apontado o lugar da virgindade na regulação da sexualidade feminina (DA MATA, 1997; SCOTT, QUADROS E LONGUI, 2008; CLEMENTINO, 2011; XAVIER, 2011; QUADROS *et al*, 2011; QUADROS *et al*, 2012). Em vários contextos brasileiros, figura uma classificação de mulheres que as categorizam como boas e más a partir de suas vivências de sexualidade. As boas tem uma sexualidade casta, que só deve ser experimentada quando abençoada pelo matrimônio. No caso das mulheres solteiras, elas são repartidas em boas pra casar, onde a virgindade é um forte valor, e as boas para transar, as que experienciam livremente suas sexualidades.

Em Alto Paraíso, essa divisão vigorava. Uma das jovens tinha um filho, e não podia se dizer virgem. Todas as outras se diziam virgens para suas famílias e na vizinhança, mas todas já tinham tido a “primeira vez”. Como estratégia para não serem mal faladas e se tornarem objeto de estigmatização (que pode significar inclusive o aumento de situações de assédio e abuso sexuais), elas performavam na comunidade a imagem de boas moças, castas e inocentes (com relação ao sexo). Como estratégias para continuarem experienciando os prazeres sexuais, procuravam parceiros que residissem longe de suas residências (QUEIROZ e RIOS, 2013).

Com o advento da Internet e espaços *online*, temos também a ampliação dessa capacidade de trânsito das jovens, mediada pela rede e pelos celulares pessoais. Não obstante, parece persistir, em ambos os grupos (rapazes e moças), a ideia de virgindade ou mais amplamente de praticar o sexo como um demarcador de interações afetivas sexuais. Não fomos além na investigação de modo a explorar como a classificação de mulheres opera nas interações *online*, entre os/as jovens, o que merece ser explorado em próximos trabalhos.

4.3.3 Namoro

Os/as jovens também falaram sobre o namoro. Para duas das participantes das rodas de conversa a virgindade é um importante valor, que vai regular o namoro. Elas se apresentam como religiosas. Uma delas é católica e outra evangélica e apresentam essa forma de relacionamento como o “namoro Cristão”. Elas o definem como um namoro de pegar na mão, curtir um ao outro, mas onde ambos se mantêm castos/as até o casamento. Questionadas sobre o que fazem caso a relação es quente e o desejo por sexo aumente, elas dizem que procuram a igreja. Essa forma de namoro é apresentada em oposição a uma outra não nomeada, mas que tem como elemento de distinção a possibilidade de se experimentar a sexualidade independentemente do matrimônio.

Para além da presença do sexo, o que vai distinguir o namoro do ficar (uma parceria casual, frequentemente experimentada em festas) é o compromisso, que na atualidade vai significar prestar contas sobre onde se está e o que se está fazendo pelas redes *online*: Se tá namorando compartilha: e aí fizesse o quê? Isso aqui... (Paulo).

No entanto, os significados de ter um compromisso, apresentados nas rodas de conversa, vai ser matizado por gênero. Para as jovens, o namoro é descrito como uma relação em que há o desejo pela proximidade, de busca de ter mais tempo junto e pertencimento ao cotidiano do outro.

Eu só vejo ele quando ele sai da escola e quando ele vai lá em casa. Porque a gente mora há onze minutos de distância um do outro. Aí eu conheço a família dele, ele conhece minha família. A família da gente é como se fosse uma só, pelo fato de que quando tem alguma coisa lá em casa que precisa de ajuda, ele vai. Quando a avó dele tá doente, eu vou no hospital com ele e assim a gente faz... A minha mãe já vê ele como um filho. Aí, tipo, a gente se ver todo dia mesmo. (Laura).

Para algumas das jovens, o namoro promoveria o afastamento dos amigos e mudanças em relação à rotina de diversão, o que faz com que muitas não queiram esse tipo de vinculação:

Ele (um *crush*) começa a falar, tipo... não.. não sei o quê... Quando tu começou a namorar, tu se afastou. (Michelle).

Ainda mais quando você é aquela amiga que antes de namorar ela era da bagaceira. Aí você começa a namorar, aí você apanha. Aí se você é amiga da bagaceira, aí você ia pra bagaceira de novo. Aí... (Nara).

É verdade. Quando eu fico com namorado parece que... nunca gostei desse negócio de namorar... (Raissa).

Para os meninos, a relação de namoro e sua proximidade com a parceira no cotidiano *offline* é descrita como tendo mais distanciamento. Há como uma regulação temporal que manteria uma distância necessária para o bom funcionamento do casal.

Só sábado e domingo. Porque, em relacionamento, a pessoa se ver todo dia é uma briga. (Carlos).

Eu falando pelo Whatsapp eu não enjoa, não. Eu deixo ela lá, no vácuo, às vezes. Ela me deixa lá no vácuo, às vezes. E, assim, também, só fala de noite. Porque de manhã ela tá na escola e de tarde eu tô na escola. A gente conversa um pouquinho. (Luiz).

Antigamente a gente era assim, pô. Mas é como diz, né? No começo tudo é flores. No começo ela ligava pra mim. Eu ia dormir 4, 3 horas da manhã, falando com ela. Hoje em dia, se ela ligar, 10 hora eu tô dormindo. Desligava o celular, deixava ela falando lá e vou dormir. No outro dia, ela pegou no sono. Tipo... (Paulo).

A questão da infidelidade e ciúme, em especial a masculina, permeia o debate sobre namoro.

(...) a gente vai pra uma festa e não sei o que... Aí (o amigo do namorado) chega na frente do meu namorado (o amigo do namorado) só pra me fazer raiva. Porque vê que eu tô lá e começa a falar de menina. "Não... porque vai ter essa gatinha ali". "Olha a menina que eu quero pegar, não sei o quê". "Olha que gostosa pra caralho". Isso eu acho desrespeitoso na minha frente. Pelo fato de que... Se eu chegasse a uma amiga minha e ela me mostrasse um monte de foto de macho de cueca... (Michelle).

4.4 PENÚLTIMAS PALAVRAS

Neste capítulo, buscamos discutir as experiências sexuais dos/as jovens na dimensão *offline* da experiência. Embora o nosso foco e ponto de acesso aos interlocutores/as tenha sido a escola, buscamos explorar não apenas o que de sexual existe nas experiências naquele local, mas também os outros espaços de interação sexual e as dimensões eróticas e afetivas dessas experiências.

Quero destacar que, diferentemente do esperado, as rodas de conversa não renderam tantas informações como gostaríamos, impedindo o aprofundamento das discussões sobre virgindade e sobre namoro. Lembramos que as organizamos por grupos do mesmo sexo-gênero, de forma a minimizar possíveis

constrangimentos em se falar sobre determinados assuntos, uma possível reedição da opressão masculina na situação de Rodas de Conversa.

Nossa escolha pelas rodas veio pela experiência exitosa com rodas que surgiam espontaneamente atrás da escola de Ensino Fundamental, onde os temas eram pautados pelas próprias crianças a partir do fato de que elas sabiam do meu interesse sobre suas “vidas sexuais”, uma vez que era esse o nosso assunto nas conversas informais. No entanto, o que pude perceber foi que a própria dinâmica da escola de Ensino Fundamental, com a sexualidade presente mais na ordem do gesto que da palavra, me facilitou a escrita etnográfica. Tinha muitas cenas que me permitiam inclusive retomá-las nas rodas de conversa espontâneas. Já na escola de Ensino Médio, a riqueza do campo se mostrou principalmente na etnografia *online*. O campo *offline* na escola se apresentou um tanto monótono, com poucas cenas, e as Rodas de conversa, quando chegaram no final do trabalho de campo, não renderam o tanto quanto gostaríamos.

Entendo que, em parte, a dificuldade de aprofundamento se deveu ao fato de que, como em grupos focais, o discurso tendeu para o idealizado e possível de ser dito diante de uma plateia que também participava ativamente da produção de dados. Percebo que as rodas, como estabelecidas nessa escola de ensino médio, não são um bom espaço para aprofundar o entendimento das categorias nativas em suas multiplicidades de significações. Muitas vezes, os participantes mais eloquentes conseguiam fazer prevalecer uma compreensão, impedindo que outras emergissem.

Mas entendo que as técnicas utilizadas não invalidam a pesquisa realizada e a riqueza dos dados e dos resultados das análises empreendidas. É que entendemos necessária a discussão metodológica em pesquisas onde os temas objeto de investigação são tabus sociais.

Na linha de ressaltar as descobertas e compreensões, pontuo que a pesquisa reforça a compreensão de que a sexualidade é um fenômeno que atravessa as fases iniciais do desenvolvimento e, portanto, a educação sexual deve se iniciar desde sempre. A sexualidade na juventude pode se expressar de muitas formas e, na escola, está menos ligada ao contato corporal em cenas públicas, aparecendo como foco de conversas e nos microgestos da sedução. As dimensões *online* e *offline* se imbricam na constituição das experiências sexuais. *Stricto sensu*, não podemos falar de dois mundos paralelos em que os jovens escolhem estar, ora

em um ora em outro. A presença é simultânea e o que se passa na dimensão *online* é constitutivo na *offline* e vice-versa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender a dinâmica da sexualidade na interface com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) contemporâneas, em especial o celular *smartphone*, considerando o uso deste por jovens no contexto escolar. Para tal, procurei acompanhar o cotidiano de jovens de ambos os sexos em uma escola de Ensino Médio da rede pública da cidade de Recife (PE), por meio de observação participante e rodas de conversa. A ideia para esse estudo surgiu da minha dissertação de mestrado, que abordou a construção da sexualidade infantil, também em contexto de escola pública (QUEIROZ, 2013). Entre outros fenômenos, observei que o aparelho celular aparecia como uma fonte de arquivos de cunho sexual, os quais eram compartilhados entre as crianças contribuindo para a socialização sexual. Na pesquisa aqui discutida, busquei compreender se essa dinâmica permanecia ou se alterava com o galgar das idades.

A pesquisa esteve norteadada por uma abordagem que compreende a sexualidade como construção social (PARKER, 1991RIOS, 2004) e se utilizou da teoria dos *scripts* para a descrição da conduta sexual. Essa teoria usa como metáfora o teatro, e a socialização sexual consistiria na aquisição de roteiros para interações, concebidas como cenas (SIMOM e GANGNON, 1999).

Em adição, a partir de Latour (2000) busquei compreender o celular como actante (participante ativo na vida social) e descrever a rede sociotécnica no qual está inserido. Busquei, então, perceber a agência de *smartphones* e, como mostramos, dos múltiplos “territórios” *online* e *offline* na experiência da sexualidade pelos/as jovens.

Nosso deslocamento do celular para a redes sociais se deu porque foi percebida, no mapeamento da rede sociotécnica, uma diferença no uso do aparelho no contexto da escola de Ensino Médio e no contexto, anteriormente investigado, da escola de Ensino Fundamental. Diferente das crianças que baixavam os arquivos de imagem e vídeo da rede fora da escola e compartilhavam via *Bluetooth* ou mostravam presencialmente para os/as colegas, os/as jovens da escola de Ensino Médio estavam todo o tempo conectados/as à *World Wide Web* (WWW), a uma infinidade de *sites* da Internet.

Observei que o contexto *online*, além de permitir a comunicação em tempo real com pessoas localizadas em diferentes partes do mundo, por meio das

redes sociais *online*, como *Facebook* e *Instagram*, possibilitava, através do celular, a produção de uma “imagem de si”, inscrita nessa outra dimensão existencial. Essa imagem de si se operacionalizava nos “perfis” *online* e as redes *online* se constituíam em lugares onde eram armazenados e compartilhados publicamente fotos, vídeos, narrativas sobre o cotidiano, sentimentos e gostos, entre outros conteúdos. Ali, as pessoas podiam convidar e serem convidadas para se tornar *amigas virtuais* de outras pessoas – é assim que se realizava a tessitura das redes. Ali, comentários e curtidas (expressões de sentimentos) dinamizavam as interações.

O celular se mostrou sempre presente juntos aos/às jovens no cotidiano escolar e, conforme os relatos das Rodas de conversa, nos outros espaços de circulação *offline*. Ele figurava como principal elo de interseção entre as duas dimensões existenciais. Era por meio dele que os conteúdos circulavam. Pelo celular, os/as jovens acessavam as redes, curtiam e comentavam postagens e buscavam por novos “amigos” para expandir as suas *redes*.

Também era por meio dele que produziam as imagens fotográficas, postadas nos “perfis”, elementos centrais na inscrição *online* das imagens de si. As postagens, concebidas como instantâneos das realidades dos jovens nas mais variadas maneiras de ser, de estar e de se sentir, eram meticulosamente trabalhadas. No caso das fotos, havia toda uma preocupação em montar um figurino e cenário atraentes. Em adição, as imagens também podiam ser tratadas por aplicativos e ferramentas antes de serem postadas, de modo a mobilizar desejabilidade e produzir popularidade.

Assim, as interações *online* eram marcadas por uma eroticidade em que a modulação dos conteúdos postados se dava via comentários e curtidas das redes de amizade *online*. Nesse contexto, a figura de *crush online*, pessoas que atendiam aos gostos eróticos e exerciam atração sexual, mobilizava e dinamizava os conteúdos dos “perfis”. Para os/as que não tinham namorados/as os conteúdos postados tinham os *crush* como principal “outro” interacional. A intenção das postagens era chamar atenção dos/as atuais *crush*, além de criar novos *crush*.

A capacidade de exercer atração (*offline* ou *online*) esteve relacionada à beleza, bom humor, afinidade nos gostos, caráter e popularidade. Nesse contexto popularidade gera popularidade. Notamos que, para os participantes das Rodas de conversa, os quatro primeiros atributos geravam popularidade. No entanto, a própria popularidade, quando já estava estabelecida, era, por si mesma, uma grande

propulsora de atração, quase que se autonomizado ou sendo um indicador de que a pessoa era portadora dos outros atributos, valendo a pena tê-la como amiga *online*.

Trocando em miúdos, uma pessoa adicionar como “amigo/a” um “perfil” portador de muitos “amigos” *online* e de postagens que atraem interesse (demostrado pela alta quantidade de curtidas e comentários positivos) seria uma estratégia para aumentar a visibilidade. O que tenderia para o aumento do interesse dos “amigos” de “amigos” e de estranhos pelo seu próprio “perfil”, impulsionando o aumento de sua rede.

Além dessa dinâmica que envolvia a busca pela visibilidade pública, também vi a constituição de ambientes mais privados (o Messenger do Facebook ou o Whatsapp), em que interações sexuais de maior intimidade podiam ocorrer longe do olhar de suas redes de amigos. Nesses ambientes, além de conversas *inbox* com explícita conotação sexual, havia a troca de *nudes*, imagens dos corpos nus, as quais podiam dar passagem para o sexo *online* ou *offline*. Por meio desses ambientes era possível incrementar eroticamente relações de namoro e noivado à distância. Essa interconexão *online/offline* também se fazia presente nos namoros “convencionais”. Assim, se as curtidas e comentários eram elementos que podiam aproximar as pessoas, também mobilizavam suspeitas de infidelidades e ciúmes. No Messenger também era possível ver a atualização de uma das formas mais recorrentes da opressão de gênero: situações de assédio sexual em relação às garotas.

Embora tenha dividido a apresentação do trabalho tentando enfatizar a cena *online* e seus constituintes no capítulo 3, e a cena *offline* e sua dinâmica no capítulo 4, posso dizer que as duas dimensões estiveram quase sempre imbricadas ao longo das descrições presentes nos dois capítulos. Mesmo quando os jovens mencionaram as suas primeiras experiências sexuais como se dando na infância, momento em que não mencionaram a presença da rede sociotécnica, ainda assim, pela minha experiência de pesquisa anterior (QUEIROZ, 2013), o celular e os *sites online* poderiam sim ter tido participação nas suas socializações sexuais na infância.

Observamos que na cena *offline* no Instituto Paulo Freire, as interações sexuais são sutis: não envolvem jogos em que os corpos “desfilam” personagens erotizadas, não se “tocam” ou se “agarram” – como acontecia nas brincadeiras atrás da escola quando pesquisei as crianças no Ensino Fundamental. Associei o fenômeno ao aumento do rigor com o uso do fardamento, ao aumento da restrição

de contatos corporais para os/as jovens e, principalmente, à possibilidade de maior trânsito no espaço urbano. Assim, para os/as jovens, a escola não estava entre os principais lugares para exercer a eroticidade. Estes lugares estavam espalhados pelo mundo, ênfase foi dada às festas e as redes *online*. Ainda assim, observei jogos de sedução e a forte presença das conversas sobre *crush*, ficantes e pessoas que despertam atração no cotidiano escolar.

Nos relatos nas Rodas de conversa, as festas surgiram conectadas com as redes *online*. Nelas, as duas redes de amizade e de conhecidos se atualizam. Nas festas a atração, como comentada acima, tem a chance de se atualizar e atuar mais intensamente. O reconhecimento facial de alguém como tendo um “perfil” *on*, pode provocar o início de uma pesquisa *offline* e *online* sobre quem ela é. Geralmente o reconhecimento acontece quando a pessoa é popular nas redes sociais *online*. O interesse pode gerar aproximação, que pode se realizar na própria festa ou no plano *online*, com um convite para tornar-se “amigo”, com curtidas e com comentários. Nessa dinâmica surge ideia de que a convergência das duas redes de amizade (*online* e *offline*) produz uma *fortificação* das intenções, reforço da atração erótica e possibilidades de formar casal, ainda que seja apenas para *ficar*.

Vale sublinhar que, ao longo do trabalho, pude ampliar minha hipótese inicial sobre a relevância do celular como um importante actante na construção da sexualidade dos/as jovens na contemporaneidade. De fato, sua importância é inegável. Suas ferramentas permitem o compartilhamento de conteúdos sexuais, agindo na aquisição de roteiros e enredos sexuais, utilizados pelos jovens no cotidiano. Mas, considerando o caminho inverso, o do *upload* e compartilhamento de arquivos para a WWW, ele permite a conexão dos/as jovens com uma infinidade de actantes humanos e não-humanos – estes últimos foco de nosso trabalho.

Assim, as redes sociais *online*, tanto quanto os celulares, delimitam as possibilidades de expressão erótica e sexual para aqueles que delas participam, com, como mostramos, implicações nas interações *offline*. Ao mesmo tempo, a própria dinâmica da sexualidade e erotismo produz a construção de ferramentas e aplicativos que disponibilizam, mais amplamente, formas de uso já existente nas redes (como os *emojis*) ou criam novos instrumentos que incrementam a eroticidade (como as ferramentas de tratamento de imagem).

Por fim, vale mencionar o caráter exploratório dessa pesquisa. Pudemos notar que a literatura que aborda a sexualidade na juventude numa perspectiva

construcionista não tem abordado o tema. Excetuando trabalhos que apontam para o uso de jogos como possibilidade de se trabalhar com conteúdos sexuais no contexto escolar (MANO, 2008; ANDRADE, 2011), a grande totalidade dos textos identificados aborda as experiências *online* de homens com práticas homossexuais (SANTOS, 2004; SILVA, IRIART, 2010; MESSEDER-PEREIRA, 2004; RIOS, 2018, SANTANA, 2014; SANTOS FILHO, 2012; DOWSETT, 2010; RIOS, 2018), como mostrei na introdução deste trabalho.

Comparando os dois contextos, as interações dos homens com práticas homossexuais com as interações que observei entre os/as jovens desta pesquisa, pude notar, no primeiro caso, que os lugares privilegiados de observação foram *salas de bate papo online* e *sites de busca de parceiros*. Os resultados davam ênfase ao anonimato, à discricção e ao sexo casual como elementos importantes das experiências sexuais *online*. Minha pesquisa com jovens heterossexuais permitiu deslindar interações sexuais que se fazem publicamente e em busca de visibilidade. Um ambiente onde a eroticidade/atração é o motor para alguém se tornar *popular*, ampliar suas redes de amizade *online* e *offline*, multiplicar o número de *crush* e ter mais facilidade em ter namorados/as. Mas a intenção nem sempre passava por possibilidades de ter sexo casual – embora, creio eu, apenas as duas garotas que relataram o *namoro cristão*, recusariam a possibilidade de ficar com um *crush* da Internet numa festa.

Seria interessante investigar como jovens homossexuais interagem em redes sociais, como Facebook e Instagram, ampliando a investigação sobre os espaços de interação *online*, para além do que equivaleria aos lugares de *pegação* homossexual *offline* (saunas e parques públicos, por exemplos), onde a busca por parceiros para o sexo casual é a ênfase.

Também seria interessante explorar a presença de heterossexuais, incluindo os jovens, nas salas de bate papo e em aplicativos de busca de parceiros. Observei que, embora os/as jovens conheçam o Tinder (aplicativo de busca de parceiros) e refiram já o ter utilizado, não foi um ponto que gerou tanto interesse discursivo nas Rodas de conversa.

Creditei o acontecido à própria técnica de investigação, o uso de Rodas de conversa, que não permite que conteúdos sexuais contra-hegemônicos, falados em primeira pessoa, se expressem com facilidade. Nessa mesma linha, valeria abordar discursivamente com jovens, por meio de entrevistas biográficas, temas que

ficaram sub-explorados nas Rodas de conversa, como o da virgindade, as primeiras experiências sexuais das garotas, entre outros.

Finalizando, quero dizer que a principal conclusão a que cheguei com este estudo é a de que as dimensões *online* e *offline* da existência atuam conjuntamente na produção de experiências sexuais dos/as jovens pesquisados. Como na anedota do ovo e a galinha, embora historicamente a dimensão *online* venha depois da *offline*, nas experiências sexuais dos/as jovens do Instituto Paulo Freire as duas dimensões existenciais estão profundamente intrincadas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Margareth. Gravidez adolescente: a diversidade das situações. **Revista Brasileira de Estudos de Populações**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, jul/dez 2002, p. 197-208. Disponível em: https://www.rebep.org.br/revista/article/view/319/pdf_300. Acesso em: 25 de abril de 2019.
- ANDRADE, Elizane. **Jogo do strip quizz: análise dos conteúdos pedagógicos de educação sexual em um quadro do programa televisivo amor & sexo**. Dissertação de Mestrado Universidade do estado de Santa Catarina-udesc, Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED. Programa de Pós-graduação- PPGE Mestrado em Educação. 2011.
- ANDRÉ, Marli Eliza. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papius, 1995.
- ARILHA, Margarete; CALAZANS, Gabriela. Sexualidade na adolescência: o que há de novo? In: BERQUÓ, Elza. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CPND, 1998.
- BECKER, Howard. Problemas de inferência e prova na observação participante. In: **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC. 1997.
- biopsychosocial perspectives in sexuality. In: _____. **Sexuality and social change: an agenda for research and action in the 21st century**. Rio de Janeiro: ABIA, 2000. Mimeografado.
- BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente (1990). **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990 e Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.
- BRASIL. Estatuto da Juventude (2013). **Estatuto da juventude**: atos internacionais e normas correlatas. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013.
- BRASIL. **PCAP**: Pesquisa de Conhecimento Atitudes e Práticas na População Brasileira 2008. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- CARVALHO, Marcelo Sávio. **A trajetória da internet no Brasil**: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança. 2006. 239 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- CASTRO, Mary; ABRAMOVAY, Mirian; DA SILVA, Lorena. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.
- CAVALCANTI, Klever. **Internet para todos**. Olinda: Livro rápido, 2014.
- CLEMENTINO, Núbia. **Sobre “gatas velhas” e “santas”**: vínculos afetivos e dupla proteção entre mulheres jovens de uma comunidade da periferia do Recife. 2011. 220 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

CORREIO DO ESTADO. **Instagram muda regra e passa a vender fotos de usuários.** Disponível em: <https://www.correiodoestado.com.br/noticia/instagram-muda-regra-e-passa-a-vender-fotos-de-usuarios/169275/>. Acesso em: 2017.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, Edson. **A Aventura Sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 2003.

DILTHEY, Wilhelm. **Psicologia e compreensão**. Lisboa: Edições 70, 2002.

DOWSETT, Gary. "And next, just for your enjoyment!": sex, technology and the constitution of desire'. **Culture, Health and Sexuality**, vol. 17, pp. 527 - 539, 2015.

FERRARI PIZZATO, Fernanda. **Do namoro à amizade**: as matizes das parcerias sexuais de mulheres heterossexuais de camadas médias, estabelecidas profissionalmente, residentes no Recife. 2010. 95 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. Ed: Nova Fronteira (Saraiva de Bolso), 2012.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. (In)Coerências entre práticas psicossociais em comunidade e projetos de transformação social: aproximações entre as psicologias sociais da libertação e comunitária. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v.36, n.1, pp. 47–54, 2005.

G. **Weber**. São Paulo: Ática, 1989.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. 1989.

GIDDENS, Anthony. **The constitution of society**: on outline of the theory of structuration. Cambridge/Berkeley: University of California Press, 1986.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, Henriette Ferreira. O ambiente informacional e suas tecnologias na construção dos sentidos e significados. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 1, Jan./Apr. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 de outubro de 2013.

HABERMAS J. **Dialética e Hermenêutica**. Porto Alegre: LPM, 1987.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza *et al.* **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza *et al.* **O aprendizado da sexualidade: reprodução de trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

HERDT, G. Childhood sexuality, local culture, and social oppression: rethinking

KANTAR. **Aumenta uso de Snapchat e Instagram, inclusive entre público mais velho**. Disponível em: <https://br.kantar.com/tecnologia/comportamento/2016/dezembro-aumenta-uso-de-snapchat-e-instagram,-inclusive-entre-p%C3%BAblico-mais-velho/>. Acesso em: dezembro de 2016.

LAGE, Giselle Carino. Revisitando o método etnográfico: contribuições para a narrativa antropológica. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 97, junho de 2009. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7104>. Acesso em: 15 de junho de 2012.

LATOURETTE, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. As estratégias de verificação. In: _____. **A construção do saber**. Tradução: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre, Artmed, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEAL, Ondina; FACHEL, Jandira. Jovens, sexualidade e estratégias matrimoniais. In: HEILBORN, Maria Luisa; BRANDÃO, Elaine. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 96-116.

LEÓN Dávila, Oscar. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, p. 9-18. 2005.

LIMA, Ivan de Oliveira. **As mães adolescentes de comunidades populares: um estudo de casos**. 2006. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MANO, Sonia Maria Figueira. **Ambiente virtual como facilitador do diálogo sobre sexualidade entre adolescentes: desenvolvimento e avaliação de um multimídia educativo**. 2008. Tese de Doutorado. Instituto Oswaldo Cruz.

MELO, Mônica de. **Assédio sexual: um caso de inconstitucionalidade por omissão**. Revista do ILANUD. São Paulo, nº 17, 2001.

MENDES, Carolina de Aguiar Teixeira. Como surgiu a internet? **Revista virtual Partes**, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.partes.com.br/reflexao/catm/comosurgiu.asp>. Acesso em: 10 de janeiro de 2015.

MENEGON, Vera. **Menopausa**: imaginário social e conversas do cotidiano. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

MENEZES, Jaileila *et al.* Gravidez e maternidade na adolescência e suas repercussões no processo de escolarização. **Percursos**, v. 13, n. 2, p. 134-154, 2012.

MENEZES, Jaileila; ADRIÃO, Karla; RIOS, Luís. **Jovens, câmera, ação**: reflexões sobre os usos dos dispositivos móveis de mídia em um projeto de mobilização social. Recife: EdUFPE, 2015.

MESSEDER PEREIRA, Carlos Alberto. "O impacto da AIDS, a afirmação da cultura gay' e a emergência do debate em torno do masculino fim da homossexualidade?", *in* L. F. Rios, V. Almeida, R. Parker, C. Pimenta e V. Terto Jr. (orgs.), **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**, Rio de Janeiro, ABIA, 2004.

MINAYO, Maria Cecília; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, set. 1993. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 de janeiro de 2012.

MONTEIRO, Simone. Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca. In: HEILBORN, Maria; BRANDÃO, Elaine. **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista De Antropologia**, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/111579/109656>. Acesso em: 25 de abril de 2019.

PADGUG, Robert. Sexual matters: On conceptualizing sexuality in history. In: Parker, R. & Aggleton, P. (Org.) **Culture, society and sexuality: a reader**. New York. Ed. Routledge, 2007.

PAIVA, Vera *et al.* A sexualidade de adolescentes vivendo com HIV: direitos e desafios para o cuidado. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 16, n. 10, p. 4199-4210, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n10/a25v16n10.pdf>. Acesso em: 25 de abril de 2019.

PAIVA, Vera *et al.* Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, 2008, p. 45-53. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rsp/2008.v42suppl1/45-53/#ModalArticles>. Acesso em: 25 de abril de 2019.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. **Culture, society and sexuality: a reader**. New York: Ed. Routledge, 2007.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PORTO, Tania Maria Esperon. As tecnologias de comunicação e informação na escola: relações possíveis... relações construídas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11 n. 31 jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a05v11n31.pdf>. Acesso em: 25 de abril de 2019.

QUADROS, Marion *et al.* Mulheres jovens, sexualidade e redes de convivência em uma comunidade rural de Caruaru/PE: circuitos (des)integrados? **Revista Antropológicas**, Recife, v. 13, n. 1, p. 137-159, 2012.

QUADROS, Marion; ADRIÃO, Karla; XAVIER, Anna. Circuitos (des) integrados? Relações de convivência entre mulheres jovens e profissionais de saúde numa comunidade de periferia da cidade do Recife (PE). In: NASCIMENTO, Pedro; RIOS, Luis. **Gênero, saúde e práticas profissionais**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011, p. 73-94.

QUEIROZ, Tacinara Nogueira de. **Significados de sexualidades entre crianças em uma escola municipal de Cabo de Santo Agostinho-PE**. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

QUEIROZ, Tacinara; RIOS, Luís. Ninguém é de ferro frente aos prazeres da carne: organização da sexualidade entre mulheres jovens de um bairro popular do Recife. In: MENEZES, Jaileila; COSTA, Mônica; ARAÚJO, Tatiana. **JUBRA: territórios interculturais de juventude**. Recife: EdUFPE, 2013, p. 309-324.

REDE FEMINISTA DE SAÚDE. **Adolescentes saúde sexual saúde reprodutiva: dossiê**. Belo Horizonte: Rede Feminista de Saúde, 2004.

RIBEIRO, Jucélia. "Brincar de osadia": sexualidade e socialização infanto-juvenil no universo de classes populares. **Cad. Saúde Pública**, v. 19, n. 2, p. s345-s353, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000800016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 de abril de 2019.

RIBEIRO, Patrícia Monteiro. **O abuso sexual infantil intrafamiliar e os sentidos compartilhados pelos professores em Recife**. 2012. 149 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

RIOS, Luis *et al.* Rumo à adultez: oportunidades e barreiras para a saúde sexual dos jovens brasileiros. **Cad. CEDES**, v. 22, n. 57, ago 2002, p. 45-61, 2002.

RIOS, Luís Felipe *et al.* Os cuidados com a “carne” na socialização sexual dos jovens. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 13, n. 4, dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 de outubro de 2013.

RIOS, Luís Felipe *et al.* Posições sexuais, estilos corporais e risco para o HIV entre homens que fazem sexo com homens no Recife (Brasil). **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, mar. 2019. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/posicoes-sexuais-estilos-corporais-e-risco-para-o-hiv-entre-homens-que-fazem-sexo-com-homens-no-recife-brasil/16142?id=16142>. Acesso em: 25 de abril de 2019.

RIOS, Luís Felipe. “Paizões”, “filhotes” e a “simbiose do amor”: regulações de gênero entre homens frequentadores da comunidade dos “ursos” no Recife (Brasil). **Etnográfica**, Lisboa, p. 281-302, 2018.

RIOS, Luís Felipe. Homossexualidade, juventude e vulnerabilidade ao HIV/Aids no Candomblé fluminense. **Temas e Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 3, p. 1051-1066, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000300016. Acesso em: 25 de abril de 2019.

RIOS, Luís Felipe. **O Feitiço de Exu** - Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro. 2004. 330 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro. 2004.

RIOS, Luís Felipe. Parcerias e práticas sexuais de jovens homossexuais no Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública** (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, v. 19, n.supl. 2, p. 223-232, 2003.

RIOS, Luís Felipe; PAIVA, V. ; BRIGNOL, S.. Passivos, ativos and versáteis: men who have sex with men, sexual positions and vulnerability to HIV infection in the Northeast of Brazil. **Culture health and sexuality**, v. 4, 2018.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. Violência de Gênero no Brasil Atual. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 443, jan. 1994. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16177>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

SANTOS, Gustavo Gomes da Costa. Mobilizações homossexuais e estado no Brasil: São Paulo (1978-2004). **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo , v. 22, n. 63, p. 121-135, Feb. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100010&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Apr. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092007000100010>.

SCOTT, Parry; QUADROS, Marion; LONGHI, Márcia. Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva. In: _____. **A diversidade no Iburá: gênero, geração e saúde em um bairro popular do Recife**. Recife: EdUFPE, 2008, p. 133-170.

SILVA, Luís Augusto; IRIART, Jorge. Práticas e sentidos do *barebacking* entre homens que vivem com HIV e fazem sexo com homens. **Interface**, Botucatu, v. 14 n. 35, p. 739-752, 2010.

SILVA, Ricardo Vidigal da; NEVES, Ana. **Gestão de Empresas na Era do Conhecimento**. Lisboa: Serinews Editora, 2003.

SIMON, William; GAGNON, John. Sexual Scripts. In: Parker, R. & Aggleton, P. **Culture, society and sexuality: a reader**. London: UCL. 1999.

TARGINO, Maria das Graças. Novas tecnologias de comunicação: mitos, ritos ou ditos? **Ciência da Informação**, v. 24, n. 2, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/586>. Acesso em: 25 de abril de 2019.

TECHTUDO. **Instagram Stories completa 1 ano**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/08/instagram-stories-completa-1-ano.ghhtml>. Acesso em: dezembro 2018.

TECMUNDO. **A história do YouTube, a maior plataforma de vídeos do mundo**. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/youtube/118500-historia-youtube-maior-plataforma-videos-do-mundo-video.htm>. Acessando em: dezembro de 2018.

VANCE, Carole. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 5, n. 1, p.7-32. 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73311995000100001&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 25 de abril de 2019.

VIEIRA, Sâmella. **“Nem santa, nem puta”**: performances de gênero e sexualidade em mulheres praticantes de *swing*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

VILLELA, Wilza; DORETO, Daniella. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Cad. de Saúde Pública**, v. 22, n. 11, nov. 2006, p. 2467-2472, 2006.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, XAVIER, Anna Karina. **Mulheres jovens e prática da dupla proteção em uma comunidade popular do Recife**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, 2011.